

O livro **TERRAS DA SANTA** nasceu da imersão entre docentes e discentes da Universidade Federal de Goiás (UFG) Câmpus Goiás e Câmpus Samambaia e a comunidade de Buenolândia em 2018. O curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e a pós graduação em Geografia com abordagem Cultural abriram espaço, escutaram e registraram em ação extensionista e de iniciação científica, sobre a necessidade de novos olhares sobre o tema da casa sertaneja goiana e o habitar no rural. O Arraial da Barra prosperou com a mineração - explorada pelos bandeirantes no século XVIII deixou seu rastro de domínio e patrimônios. Hoje o Arraial da Barra é conhecido por Buenolândia, distrito da cidade de Goiás/GO. Seus habitantes com suas casas que guardavam heranças desde o contexto histórico imperial brasileiro (1726), registros da simplificação da cultura negra, indígena e bandeirante paulista. Há construções originais de taipa e adobe, que nos instigou à pesquisa (2018-2020), pela arquitetura vernácula e a tradição secular. A trajetória que une o Casarão de Origem (SP) ao Casarão de Fronteira (GO) e as casas de hoje do Arraial da Barra demarcam espacialmente um referencial geopolítico de poder da coroa portuguesa, que remonta à ocupação do território espanhol pelo Complexo dos Arraiais de Anhanguera: Santana, Ferreiro, Barra e Ouro Fino, ao longo do Rio Vermelho. As igrejas sinalizam os marcos de poder cristão, bem como deixam rastros em sua modelagem construtiva, procedimentos toscos e de beleza rude no sertão goiano, a primeira igreja da Capitania de São Paulo, em terras das minas dos Goyazes, no Arraial da Barra. Muitas casas exibem móveis e artefatos domésticos artesanais, janelas de madeira e paredes pintadas com cores intensas, remontando um acervo artesanal real e a longo prazo, objetos de estudo de mudança e de poder de suas micropolíticas sertanejas em seus espaços de vida e das práticas cotidianas domésticas.

#### REALIZAÇÃO



#### APOIO



#### PATROCÍNIO



TERRAS DA SANTA ARRIVAL DA BARRA/BUENOLÂNDIA - GO



# TERRAS DA SANTA

## ARRAIAL DA BARRA/BUENOLÂNDIA - GO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG / CÂMPUS GOIÁS - UAECSA  
CAU - ARQUITETURA E URBANISMO - 2018-2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Terras da Santa / Luciana Helena Alves da  
Silva...[et al.] ; organização Luciana Helena  
Alves da Silva. -- Goiás, GO : AMCPress,  
2025.

Outros autores: Nayara Cristina Gonçalves Silva,  
José William Azevêdo Pinto, Eliézer Carvalho França,  
Gabriel Aires Peixoto de Lima, Larissa Miranda  
Martins.

ISBN 978-65-986044-0-0

1. Arquitetura 2. Patrimônio cultural 3. Projeto  
cultural I. Silva, Luciana Helena Alves da.  
II. Silva, Nayara Cristina Gonçalves. III. Pinto,  
José William Azevêdo. IV. França, Eliézer Carvalho.  
V. Lima, Gabriel Aires Peixoto de. VI. Martins,  
Larissa Miranda.

25-249049

CDD-720.288

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Patrimônio histórico : Preservação : Arquitetura  
720.288

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Terras da Santa / Luciana Helena Alves da Silva...[et al.] ; organização Luciana Helena Alves da Silva. -- Goiás, GO : AMCPress, 2025.

Outros autores: Nayara Cristina Gonçalves Silva, José William Azevêdo Pinto, Eliézer Carvalho França, Gabriel Aires Peixoto deLima, Larissa Miranda Martins.

ISBN 978-65-986044-0-0

1. Arquitetura 2. Patrimônio cultural 3. Projeto cultural I. Silva, Luciana Helena Alves da. II. Silva, Nayara Cristina Gonçalves. III. Pinto, José William Azevêdo. IV. França, Eliézer Carvalho. V. Lima, Gabriel Aires Peixoto de. VI. Martins, Larissa Miranda.

25-249049

CDD-720.288

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Patrimônio histórico : Preservação : Arquitetura  
720.288

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

**AMCPRESS EDITORIAL**

Coordenação editorial: Ângela Moraes

Edição de texto e revisão: Luciana de Oliveira, Juliana Luiza de Almeida e João Paulo Fernandes

Ilustração de capa: Rômulo José Bin

Identidade visual: Alex Sanches

Projeto editorial e diagramação: Luíza Marcondes

Texturas utilizadas no projeto gráfico: jannoon028/Freepik

## índice

<b>CAPÍTULO 1</b>	A ancestralidade no Arraial da Barra	6
<b>CAPÍTULO 2</b>	Representações em croqui da casa sertaneja goiana no Arraial da Barra	10
<b>CAPÍTULO 3</b>	As casas sertanejas no Arraial da Barra: apontamentos arquitetônicos e construção histórica	20
<b>CAPÍTULO 4</b>	Cartografia da Estrada Real do Arraial da Barra	34
<b>CAPÍTULO 5</b>	Percepção sensível da poesia têxtil sobre as casas sertanejas do Arraial da Barra	48
<b>CAPÍTULO 6</b>	A casa sertaneja do Arraial da Barra com vistas às janelas da alma	56
<b>REFERÊNCIAS</b>		72

# PREFÁCIO

Em procedimento inusual, que não seguiu norma prescrita, codificada ou ritualística de casa de oração, exumei o meu umbigo de onde se encontrava, transladei-o e o enterrei no oitão da igreja de Nossa Senhora do Rosário, distrito de Buenolândia, município de Goiás, fincando a minha origem, em clara preferência pelo parto naquele rincão. Lá vivi os meus verdes anos. Eu sou filho da “Barra”. É nessa gênese que encontro a justificativa para o indeclinável convite de apresentação do livro “Terras da Santa – Arraial da Barra-GO.” Recebido o trabalho da Frente Acadêmica da Universidade Federal de Goiás, responsável pela sua elaboração, à testa a professora Luciana Helena Alves da Silva, com a integração de outros pesquisadores, já na primeira abordagem, numa inspeção d’olhos, a inevitável aproximação comparativa a dois clássicos da literatura, que se tornaram prestigiosas obras daqui e d’além mar, que, respeitados os seus propósitos, os seus momentos e a profundidade da concepção, seguem o mesmo fio condutor, o sertanismo brasileiro.

As obras paradigmáticas são os “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, a narrativa dos variados aspectos do sertão, do povo, da sua característica, da luta diária pela sobrevivência, arrastando o leitor para se incluir no universo sertanista dos Estados da Bahia e de Minas Gerais, em descrição que se ajusta ao interior goiano, guardadas as peculiaridades das respectivas regiões, roçando a pormenorizada descrição da terra, da sua gente e da sua história. Mas para além da inserção no ambiente sertanista, o catálogo tem como proposta inicial o mergulho histórico na origem do distrito de Buenolândia, município de Goiás, remetendo aos seus primórdios, o que permite o entranhamento na descoberta do lugar, a construção do arraial, a geografia, o povo que ali habitou e habita, o seu modo de vida, a sua casa de moradia, os seus costumes, os variados aspectos culturais, as suas crenças, as festas religiosas e pagãs, a interferência modificativa pelo progresso, o apodrecimento de valores caros às pessoas da localidade.

Nada obstante a ementa introdutória da obra tenha se contentado em descrevê-lo como “coletânea”, “caderno de viagem”, partindo de um dado conhecido para o espargimento de questões memoráveis e outras relevantes, adotando como epígrafe “casa sertaneja”, a detalhada investigação acadêmica, ao se desincumbir da propositura impulsionadora, apresentando a moradia da gente do lugar com “simplicidade que nos ensina sobre a preservação e

a preocupação que devemos ter com o patrimônio popular distinto daquele que se enaltece pela imponência material. Ela também se impõe frente ao patrimônio goiano, regido pela velha oligarquia, que dita os roteiros turísticos e pontos de visitação de acordo com as políticas que lhes interessam, excluindo a verdadeira cultura das ruralidades do sertão goiano, do essencial”, tem alcance maior para o distrito de Buenolândia, atribuindo-lhe o valor histórico e cultural relegado ao longo dos anos. A densidade dessa conclusão, a partir do mote da pesquisa, a “casa sertaneja”, chegando a um resultado e a uma avaliação crítica, já justificaria a louvação do livro, mas não se perca em considerar apenas o efeito apuratório, deixando a latere a primorosa busca histórica desenvolvida pelos autores do trabalho, trazendo à evidência o Arraial da Barra, situado na confluência dos rios Vermelho e Bugre, o primeiro povoamento do Estado de Goiás, fundado por Bartolomeu Bueno da Silva, o Moço, no ano de 1726, onde ordenou a construção da sua casa (dado em apuração), hoje em ruína, uma igreja, constituindo o “marco zero” do povo goiano.

Nessa evidência do caminho percorrido na elaboração desse distinguido trabalho, o grupo que o realizou se deteve na avaliação de pesquisa histórica, de mapas, de registros cartográficos, de croquis, na difusão de apontamentos ouvidos, na presença em campo, recolhendo os relatos das pessoas do lugarejo, eternizando em momentos fotográficos, permitindo que os dados amealhados partissem para o juízo formulado da “casa sertaneja” e do resultado analítico a que chegou, em exposição sem reproches. O livro que se coloca na ribalta constitui, de par com o seu inegável valor histórico e avaliativo do distrito de Buenolândia, o despertar de consciência das autoridades públicas e da sociedade para a relevância dessa unidade administrativa, clamando para a sua devida inclusão nos roteiros oficiais, incrementado o conhecimento cultural e turístico do lugar e da sua gente, tendo em mira a advertência de Cervantes: “A história é o emulo do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.”

Goiânia, janeiro de 2021.

**LUIZ CLÁUDIO VEIGA BRAGA**

*Desembargador, membro da Comissão Cultural do TJGO,  
Diretor Cultural da Associação dos Magistrados  
do Estado de Goiás – ASMEGO.*



# TERRAS DA SANTA: NOTAS SOBRE O ARRAIAL

Por meio dos projetos de extensão e cultura e de iniciação científica, estudamos a Barra. Criada juntamente com os Arraiais, Ouro Fino, Santana e Ferreiro na Capitania de São Paulo, em 1726, a partir do movimento aurífero de Anhanguera, Capitania de São Paulo, sertão das minas dos Goyazes, ela se caracteriza como vila do Distrito de Buenolândia. A oralidade de seu Inocêncio em chamá-la de "Terras da Santa", decorre então de sua formação fundiária que procede das sesmarias. O Império regido por D. João V, destinou as sesmarias das terras do sertão das minas dos Goyazes, por carta régia ao Capitão Mor Bartolomeu Bueno da Silva, onde se originaria o Arraial da Barra, na capitania de São Paulo, em 1726. Se doava um lote de terras a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com medida administrativa no período colonial, iniciada com as capitanias hereditárias desde 1532 no Brasil. Nem sempre os sesmeiros cultivavam a terra. Apesar do impedimento de alugar, arrendar ou vender as terras, muitos assim o faziam os posseiros. A chegada de garimpeiros, escravos e donos de posses em torno da igreja, acumulou por séculos o nome da Barra, como **Terras da Santa**, em função de não possuírem posse de suas terras. Até hoje a Barra não possui integralmente regularização de suas terras, entoando o eco das cartas das sesmarias, uma das causas da desigualdade social ainda vigente na vila do distrito. A vila do distrito se configura como possibilidade de existência, uma forma de habitar o rural. Pertencendo a Barra como nome original, não significa se prender a tradições ou costumes, antes, é a possibilidade de ressignificá-la, adaptando-se às mudanças na sociedade, aqui pela ótica do habitar e de suas casas sertanejas.

SILVA, L. H. A. Em Terras da Santa: Caderno de Viagem ao Arraial da Barra, SEMITEC/Colômbia, nov/2019, p.2.



# APRESENTAÇÃO

Os estudos atuais têm negligenciado o sentido e a importância de considerar a história, o passado, em suas análises. Por isso, causa uma sensação prazerosa quando nos defrontamos com a proposta de uma leitura plural, de casas de Buenolândia existindo no século XVIII como o coração do Arraial da Barra, em Goiás.

O trabalho e a investigação do geógrafo, do sociólogo e arquiteto sempre têm em conta as transformações históricas do território que se examina. Ao fazê-lo, preocupam-se em reconstituir as condições do ambiente no passado e, sobretudo, de se reportar às formas de vida, às condições de civilização, às técnicas de trabalho e aos tipos de consumo do passado. Seu propósito é para melhor compreender as condições de então, mas também as condições do presente [...]. Em outras palavras, torna perceptível a diferença do olhar e do papel daqueles pesquisadores na análise de uma realidade do passado, e apreende as mediações históricas que possibilitaram a formação territorial e suas transformações no decorrer do tempo.

A presente coletânea é um exemplo de como um grupo de arquitetos, utilizando geógrafos como referencial teórico, estabeleceu um diálogo fecundo e inovador no entendimento da história territorial da Terra da Santa, inserida no Arraial da Barra em Goiás. A Arquitetura, como a Geografia, pode utilizar a História para fazer a análise geográfica do passado. Como exemplo, a Geografia Histórica é de fato um estudo histórico: seu foco de interesse repousa na geografia de algum tempo passado, ou nas mudanças geográficas em algum período passado. Assim, compartilha a legitimação intelectual e moral com todos os estudos históricos.

Mas Geografia Histórica também é fundamentalmente um estudo geográfico: ela coloca questões geográficas ao passado, e oferece uma perspectiva geográfica sobre o presente. Sua contribuição distintiva ao conhecimento e entendimento do passado é feita essencialmente enquanto geografia e não história, conforme pode ser observado no livro, dedicado a um fragmento da formação territorial de Goiás. Merece um destaque o olhar atribuído pelos pesquisadores às casas. Estas são um microcosmo extraordinário na revelação do universo construído pela presença e vida da mulher sertaneja. Elas se presentificam nas memórias das mulheres e mesmo nas ruínas de Buenolândia, permitindo considerá-las um bem cultural, digno de ser valorizado e protegido. De acordo com a Constituição do Brasil, de 1988, um bem cultural diz respeito aos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: “os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

A estrada para Buenolândia é logo ali, próxima ao acesso para Cidade de Goiás. Em Buenolândia, o convite já está feito para entrar nas casas, em um dos últimos textos, e a belíssima ilustração nas páginas da coletânea já é uma forma delicada e sensível de adentrar em Buenolândia, enquanto lá não chegarmos. De qualquer maneira, aqui nesta obra ou lá na Barra, serão cheganças do presente em busca de diálogo com um passado resiliente em casas sertanejas que ainda nos falam.

**ALMEIDA, MARIA GERALDA**  
Dezembro de 2020



1

† TERRAS DA SANTA

**A ancestralidade  
no Arraial da  
Barra**

*Luciana Helena Alves da Silva*

# A ANCESTRALIDADE NO ARRAIAL DA BARRA

Com o intuito de investigar o distrito de Buenolândia, Arraial da Barra em Goiás (originado no século XVIII), considerando seu modo de vida, mapas falados e história oral armazenados na memória dos habitantes, dos sujeitos que vivem ali, realizamos uma necessária imersão em quatro casas sertanejas que integram o patrimônio cultural da comunidade, dado a importância de vincular o lugar com seus habitantes.

Para além da pesquisa fenomenológica, por meio de fontes bibliográficas de termos considerados singulares, como lugar e topofilia, as fontes primárias de outras naturezas proporcionaram experiência igualmente enriquecedora, como o contato com croquis arquitetônicos originais das casas e entrevistas com os habitantes. Mais do que trabalho de campo, pesquisa de acervos e mapas históricos usados para apresentar a casa sertaneja goiana do Arraial, a originalidade deste livro se dá pela sua elaboração como um grande caderno de viagem, resultado da imersão poética na ancestralidade e nas memórias do Arraial, alicerçada em algumas linguagens diversificadas.

## Casa de memórias

Todas essas vivências, conversas e pesquisas tiveram como objetivo compreender a casa sertaneja à luz do seu processo de espacialidade atravessado pelos conteúdos da ruralidade, afetividade e ancestralidade do lugar. Ou seja, entender a casa sertaneja do Arraial da Barra como uma casa perpassada também pela memória.

Para atingir tal compreensão acerca da caracterização da casa sertaneja foi que recorreremos a uma corrente da Geografia que apoia suas análises no singular, no particular, e que tem a percepção como seu principal instrumento. Devido a essa característica, essa abordagem tem, no lugar que

se analisa, uma importante categoria de leitura do espaço, revelando este como um lugar que apresenta em sua materialidade elementos recheados de simbolismo e significações da cultura do sujeito que o habita, constrói e o transforma constantemente junto à Arquitetura e Urbanismo.

E, como numa bricolagem, a possibilidade realizar uma investigação entrecruzando áreas do conhecimento, contextos, conceitos, vivências, afetos e imagens foi o que permitiu a construção de uma narrativa completa e criativa. Até porque, como nos inspira o filósofo francês Michel De Certeau (1998), os relatos de locais são, de fato, bricolagens. Ou seja, são fragmentos de lugares semânticos dispersos, e por isso mesmo cheios de significados. Neles encontramos expressa a própria relação das práticas daquele espaço com a ordem ali construída. Um conjunto simbólico que se compõe nos relatos ligados às oralidades, às relíquias verbais e aos gestos. Elementos sobrepostos numa colagem em que suas relações não são pensadas, mas que se articulam por lacunas. E graças a essa característica foi que pudemos construir uma narrativa composta por elementos diversos, como bordado sobre tela, croquis em aquarela, fotos, levantamentos arquitetônicos (como planta, corte e fachada) e mapas.

## O olhar para o patrimônio cultural

As reflexões encontradas nestas páginas sobre os níveis de vida, relações de produção e a influência dos materiais regionais, tanto na fisionomia quanto na estrutura das casas, são parte do esforço em mostrar que a casa sertaneja se apresenta de acordo com as práticas cotidianas de quem nela habita. Dessa forma, a relação entre a casa, a economia e os fatos sociais se torna evidente. A casa sertaneja desconstrói qualquer base de política habitacional rural que tenha se implantado até hoje no país. E isso porque ela evidencia sua prioridade absoluta sobre a necessidade de



Imersão da pesquisadora no  
Complexo dos Arraiais/GO.

atendimento das suas práticas culturais diárias, ao mesmo tempo em que se exime de qualquer padronagem urbana industrial que se possa impor. Na contramão disso, ela afirma sua singularidade, regionalidade, técnicas e materiais aliados às práticas e saberes sertanejos.

As casas são como as pessoas. E aqui evidenciamos uma face da casa sertaneja que não é a dos casarões, ou casas tradicionais dotadas de ostentação especial, como as das fazendas de gado ou de engenhos. Ao invés disso, a casa sertaneja na sua simplicidade nos ensina sobre a preservação e a preocupação que devemos ter com um patrimônio popular distinto daquele que se enaltece pela imponência material. Ela também se impõe frente ao patrimônio goiano regido pela velha oligarquia, que dita os roteiros turísticos e pontos de visitação de acordo com políticas que lhes interessam, excluindo a verdadeira cultura das ruralidades do sertão goiano, do essencial. Falta o olhar com mais integridade de estudiosos para documentar a cada passo as informações materiais e imateriais de modo a preservar o acervo, bem como os alicerces desse povo sertanejo que encanta e convence. Aquilo que se revela como um marco, não somente geográfico, como também sociológico, antropológico e arquitetônico sobre o lugar é o que deve importar.

No Arraial da Barra, as memórias de seus antepassados se reproduzem a partir da casa, das festas e dos sabores. A beleza da casa reside na personalidade, pois ali ela é compreendida porque está exposta. A identidade é revelada pela realidade. As memórias são, assim, testemunhos sobre tempos passados com suas casas dignas e munidas de uma beleza honesta, com exposição de materiais empregados, que expressam a inovação e criatividade do sertanejo goiano, de valor cultural real, entre o belo e o simples.

A industrialização, a diferenciação agrícola, a extensão do crédito e a abertura do mercado interno ocasionaram uma nova e mais profunda revolução na estrutura social de Goiás. Graças aos recursos modernos de comunicação, ao aumento da densidade demográfica e à generalização das necessidades complementares, encontram-se agora frente a frente homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários – bruscamente aproximados pelo espaço geográfico e social. Pessoas que participam de um universo que desvenda dolorosamente as desigualdades econômicas e culturais. Nesse diálogo, em que se empenham todas as vozes, a mais fraca e menos ouvida é certamente a do sertanejo que permanece no seu pedaço de terra.

## Descaso com as referências culturais

Em uma das fotografias que obtivemos durante o trabalho de investigação e pesquisa para construção desta obra, encontramos o registro de edifício de 1727, o qual possuía arquitetura trazida por Bartolomeu Bueno da Silva (filho), da Capitania de São Paulo. Este, porém, não integrou a lista de imóveis do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional), tampouco o acervo do IHGG (Instituto de História e Geografia de Goiás) ou do Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura de Goiás. Um edifício da arquitetura sertaneja da Província de Goiás. Em 1999, um particular construiu por cima um novo edifício, demolindo a casa. Não bastasse isso, soma-se ainda

ao episódio a descaracterização do largo e o total descaso com as referências culturais, histórico-geográficas e políticas referenciadas pela primeira casa sertaneja goiana, a primeira casa sede de poder representando a Coroa na Capitania Paulista. Ao observar tal panorama, foi possível destacar três considerações diante dessa dimensão de análise a partir das bases empíricas das oralidades, fotos, textos e mapas que embasaram essa obra. A primeira realizada a partir de pesquisa bibliográfica sobre a intencionalidade do Rei D. João V, o UTI POSSIDETIS, Tratado de Madri e a “expedição sem mapa”, e a construção da casa permanente de Bartolomeu. Assim, constatamos que o Casarão de Fronteira é um marco político-geográfico brasileiro.

A segunda consideração realizamos a partir de estudo comparativo dos dois casarões (o de Fronteira e o de Origem), a fim de compreender o partido arquitetônico, o programa de necessidades, a tecnologia construtiva, os materiais, a mão-de-obra escravizada (depois de 3 anos perdidos pelo sertão). Encontramos registros que evidenciaram o fato de que o Casarão de Fronteira do sertão das minas dos Goyazes implantou-se como casa permanente, e suas referências arquitetônicas procedem ao Casarão de Origem da Capitania de São Paulo e antecedem ao Palácio Conde dos Arcos em Vila Boa de Goiás, o Palácio das Esmeraldas em Goiânia e o Palácio da Alvorada em Brasília, estruturando as casas sedes de poder no território de Goiás.

A terceira e última consideração envolve a materialidade do poder revelada pela construção da casa permanente e a suposta principal identidade nacional, implantada no sertão das minas dos Goyazes como característica da singularidade configurada por uma arquitetura que mescla conhecimento indígena e paulista num mesmo objeto. Assim, o Casarão de Fronteira revela a presença do Estado e é um símbolo da identidade nacional em tempos de identidades pulverizadas das Capitânicas brasileiras. Na ausência da lista de patrimônio de imóveis de interesse municipal, estadual ou nacional, o Casarão jamais esteve numa zona de proteção. Tanto a população quanto os estudiosos, sentem a “ameaça da demolição” que passou pelo Casarão e pode alcançar a igreja de Nossa Senhora do Rosário, o cemitério e o Largo (já ocupado), o que já é realidade. Frente a esse contexto, não é difícil afirmar que os demais elementos do aglomerado que compreende o Casarão de Fronteira também poderão vir abaixo,

caso não haja uma atitude para sua preservação ou conservação por parte da comunidade, Universidade e poder público.

Essa preocupação nos impulsiona a construir uma agenda sertaneja que faça constar o acervo sertanejo junto aos órgãos imediatos de interesse municipal da Cidade de Goiás, com a gestão de Associações de Moradores do distrito de Buenolândia, para a providência real de acervos, preservação, agenciamentos turísticos e intercâmbios em pesquisa. Atitudes como essas incentivariam ações entre os museus dos Casarões de Origem e de Fronteira. O primeiro já tombado desde 1958 e reconhecido como o último remanescente da casa urbana bandeirista paulista. E o segundo, como proposta de reconstrução para o tombamento do aglomerado (pátio, igreja, cruz, rio e casa), ocasionando o reconhecimento desta como a primeira casa sertaneja em Goiás e primeira casa sede de poder, tendo a missão de desenvolver o projeto da Casa das Tradições e Paisagens do Cerrado.

O caso incomum deste Casarão, ficando à mercê dos interesses particulares e especulativos, é “uma espécie de aviso” pela ausência de regularização fundiária, o que contribui para a ausência de titularidades e para as condições de posse das famílias seculares que são as tônicas da transição de terra e imóveis no local. A Associação de Moradores do Distrito de Buenolândia mostrou-se preocupada na preservação da integridade de seu patrimônio, pois já entenderam que o acervo sertanejo verificado, que fica fora da área de proteção da UNESCO, está sujeito às arquiteturas “não admitidas”. Como se o Arraial não fosse um todo, mas um conjunto sem importância diante de seu repertório etnográfico em técnicas construtivas populares. Entendemos que a dor nunca vai acabar, mas pode ser ressignificada, a partir da oralidade dos descendentes daqueles que não foram ouvidos. Pois a única voz é daqueles que ficaram. O Casarão de Fronteira pertence às vítimas que permanecem, que resistiram ao apagamento do tempo e da história, possibilitando nesse espaço uma experiência sensível, individual e compartilhada, com descendentes que ainda vivem ali. Eles dão voz e forma às suas memórias. Assim, o Casarão de Fronteira vem como exemplo de superação e traz seu significado demarcatório sociocultural de pertencimento e identidade do Arraial da Barra no cenário goiano e nacional.

2

† TERRAS DA SANTA

# Representações em croqui

Nayara Cristina Gonçalves Silva

# REPRESENTAÇÕES EM CROQUI DA CASA SERTANEJA GOIANA NO ARRAIAL DA BARRA

Pesquisas. Foi por meio delas que percebemos a brecha existente sobre o tema da casa sertaneja goiana, sua relação com o indivíduo que a habita, o espaço construído e o espaço vivido. E por reconhecer a influência desta casa na composição da paisagem simbólica do sertão goiano, quando observada pela ótica da abordagem cultural e humanística da Geografia, iniciamos este capítulo reforçando a importância interdisciplinar da inserção deste tema no ensino de graduação de Arquitetura e Urbanismo, agregando a expressão plástica.

E por isso também a presente obra visa sintetizar as características das casas e costumes de seus habitantes, percebidos pelos relatos de memória e a ancestralidade dos sujeitos que vivenciam as práticas e a dinâmica social no Arraial da Barra na cidade de Goiás (GO). O método mais eficaz que encontramos para cumprir com tal missão foi a percepção e a decisão de representar, com o intuito de proporcionar uma leitura crítica dos símbolos identificados nessas paisagens, adotando os desenhos em aquarela para registrarmos a observação sensível desses espaços (nos quais ficamos imersos durante cinco visitas a campo), priorizando a dimensão social e os elos afetivos existentes entre sujeito e lugar, numa relação de pertencimento, conexão esta conhecida também como topofilia.

Nas representações artísticas produzidas, a leitura e o registro dos elementos e das cores que compõem a paisagem simbólica constituem a identidade do Arraial da Barra, ressaltando a significância e a autenticidade que este habitar e memória têm como receptáculo. Felizmente, percebemos que nosso projeto deu visibilidade à cultura sertaneja existente no Arraial da Barra, por meio das representações em croquis, que cumpriram com sua função de sintetizar e expor essa cultura desde sua essência.

Porém, vale ressaltar também um ponto que nos incomodou um pouco. O trabalho de registro da dinâmica do Arraial em croquis ressaltou que o protagonismo dos sujeitos e os espaços vividos dos quintais e dos alpendres constituem a paisagem doméstica, conectando-os em seus universos patriarcalistas e paternalistas nada acolhedores.

Por meio de nossos estudos e análises do cotidiano, percebemos que os habitantes do lugar legitimam-se, resilientes, autênticos à valorização de suas vivências e ancestralidades, a partir de suas casas sertanejas. Constroem suas narrativas pautadas no presente, mas preservam as memórias e narrativas dos que os precederam e assim constroem e reconstroem a história do lugar.

## Memória construída

A memória constitui um fator importante na formação do lugar. A paisagem constitui um fator importante na formação da memória e o diálogo entre esses fatores colabora na formação das paisagens simbólicas que constroem as identidades das comunidades sertanejas goianas.

Em uma sociedade cada vez mais urbana e global, reconhecemos a importância da proteção das características culturais territoriais na tentativa de preservar sua memória e história, entendendo que a memória está em constante movimento e é construída e reconstruída pelos indivíduos que compõem o lugar. Foi após a análise bibliográfica de teóricos como Tuan (1986), Holzer (2000), Almeida (2005) e, que traçamos como um dos objetivos primordiais desta obra a valorização dos lugares e das paisagens que formam as narrativas existentes por trás da história do Arraial da Barra da Cidade de Goiás.



Quintal do seu Inocêncio (2018, produção da pesquisa)

A partir de métodos de representação que possibilitam uma leitura acessível dos símbolos identificados nessas paisagens, adotamos desenhos em aquarela para alcançarmos uma observação sensível desses espaços que foram experienciados por meio das pesquisas de campo, priorizando a dimensão humana e os elos afetivos existentes entre indivíduo e lugar, numa relação de pertencimento.

E através da Pesquisa de Iniciação Científica (PIP/Edital 01/2019) “Croquis da Casa Sertaneja Goiana no Arraial da Barra”, percebemos a brecha presente nas demais pesquisas existentes sobre a casa sertaneja goiana, a relação do indivíduo com esse elemento arquitetônico e a influência deste na construção da paisagem, o que nos motivou a iniciar debates sobre o tema, pautados na abordagem cultural e humanística em Geografia, com o intuito de reforçar a importância da interdisciplinaridade no ensino de Arquitetura e Urbanismo.

## “Receptáculos de memória”

“Na data da visita realizada à casa de Dona Francisca, se contava três meses de seu falecimento, mas sua casa, exceto pelo quintal forrado de folhas e carente dos animais de criação, se mantinha limpa e organizada como se sua moradora apenas tivesse ido à venda comprar café e um punhado de farinha. Cada coisa estava em seu devido lugar, cada panela em seu respectivo prego na parede, os trapos ainda no varal, a bucha ainda no chuveiro, o equipamento de internet ainda conectado.”

– Trecho do diário de viagem da pesquisa  
(acervo pessoal, 2018).

*As tradições se materializam e se cristalizam na casa sertaneja. Seus espaços são diários e cadernos de receitas contam e ensinam.*

*Sala da dona Francisca. (2018, produção da pesquisa)*



*Angela cozinhando na trempe (2018, produção da pesquisa)*



Cozinha da dona Francisca. (2018, produção da pesquisa)

A casa sertaneja é o 'souvenir' das ações, percepções e experiências vividas nela, assim como os sujeitos que as compõem. Sujeito e moradia são extensões um do outro, ambos receptáculos repletos de memórias, histórias e segredos. Até mesmo o espaço vazio de uma cozinha sozinha canta, conta e mostra algo, pelo status de lugar que ela adquiriu com as experiências vividas nela. A moradia sertaneja, em cada um de seus aspectos e formatação, é uma imensa enciclopédia de resistência e sobrevivência que, de maneira pacata, vem se mantendo viva.



Dona Amélia consertando costura de roupa à mão sentada na cadeira do alpendre. (2018, produção da pesquisa)

*“Fogão a lenha sempre  
aceso, graças a Deus,  
mostrando que ali sempre  
se acha o que comer.”  
(VANINHA, 2018)*



*Vaninha cozinhando no fogão à lenha. (2018, produção da pesquisa)*

Durante as cinco visitas à campo realizadas no Arraial, observamos a ancestralidade e a religiosidade presentes no cotidiano dos sujeitos que vivem ali, as tradições que são passadas entre as gerações e como a oralidade mantém as características culturais e arquitetônicas daquele meio vivas. Essas oralidades são transmitidas com sensibilidade e respeito, compreendendo a responsabilidade que o ato de contar possui na dinâmica cultural do Arraial. E, apesar dos eventos e festividades sociais existentes, essas histórias são externalizadas, em sua maioria, dentro do ambiente doméstico, sendo o principal desses cômodos a cozinha.

Cada casa é uma escola. Seus objetos e espaços são assim definidos por Holzer (2000), como “receptáculos de memórias”. As demandas que as atividades desenvolvidas pelos sujeitos possuem formatam a divisão espacial das moradas, o tamanho dos cômodos e a existência ou não de alguns espaços, reforçando a teoria da funcionalidade dentro desses lugares. Observamos, por exemplo, que o fogão a lenha é um item básico nessas casas. Contudo, o objeto não era igual em nenhuma delas.

Os quintais não são simplesmente espaços externos ou o que sobrou depois que o necessário foi construído. Eles são extensões do espaço doméstico, sendo considerado em suas demandas que também acompanham a lógica da estruturação da casa. Os quintais são setorizados e possuem um fluxo. Animais, pessoas, plantas e mobiliários específicos compartilham desse espaço que é coletivo, é onde as festas e reuniões acontecem. Em algumas casas existem acessos pelos quintais entre as casas, em outras um dos acessos à casa se dá pelo quintal. Esse é o espaço onde quem é de fora é convidado a estar, pois lá fora também é considerado lá dentro.



“Qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória.”  
(HOLZER, 2000)



Alpendre da dona Cid  
(2018, produção da  
pesquisa)

“No limite dos quintais, convidar para adentrar e conduzir para fora da casa por entender que lá fora também é dentro, é a parte de dentro onde quem é de fora se deixa estar, onde o social e coletivo se manifestam e as transformações acontecem.”  
(SILVA, 2019)

Fachada da casa do seu Inocêncio. (2018, produção da pesquisa)



Sala da casa da Dita (2019, produção da pesquisa)

A maioria das casas não possui muros, apenas cercas que podem ser mais ou menos fechadas dependendo do tipo de atividade desenvolvida nos quintais e o tipo de animais criados em cada residência. A troca entre os vizinhos é livre, tanto de produtos quanto de conhecimentos. Remédios, receitas, segredos. A parte de dentro das casas é um baú de tesouros, a parte de fora um universo de compartilhamentos. As cores percebidas nas casas são sempre muito alegres e fortes, características também dos sujeitos que vivem ali. Em praticamente todas as casas percebe-se a presença da fiação de redes e telecomunicações. A tecnologia existe no Arraial, mas isso apenas aproxima os sujeitos que, durante o desenvolvimento desta obra, compartilharam de bom agrado suas fotos, vídeos, músicas, memórias e histórias através de aplicativos de mensagens.

A moradia enquanto produto da arquitetura neste livro é entendida e apresentada como um elemento que abrange mais do que o conjunto de tijolos, pedras, madeiras e telhas que a compõem. Ela é analisada como um espaço onde se organizam as atividades necessárias para que a cultura de cooperação e sustentabilidade da comunidade aconteça. Logo, a moradia sertaneja goiana não deve ser analisada com base na mesma perspectiva de necessidades da moradia urbana, mas sim como um universo multicultural que sobrevive à ação das transformações sociais e do lugar graças à resistência cultural e de memória dessa comunidade.

Fachada da casa da Dita (2019, produção da pesquisa)



Alpendre do seu Inocência. (2018, produção da pesquisa)





Fachada da casa da dona Francisca. (2018, produção da pesquisa)



Cozinha de fora "ranchão" da casa da Dita (2019, produção da pesquisa)



Quintal da dona Francisca, galinheiro. (2018, produção da pesquisa)



# AS CASAS SERTANEJAS NO ARRAIAL DA BARRA: APONTAMENTOS ARQUITETÔNICOS E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Durante a ampliação do estudo sobre a casa sertaneja goiana, verificamos que o Casarão de Fronteira da Barra no sertão das minas dos Goyazes tinha conexão precedente com o Casarão de Origem, em Santana do Parnaíba, em São Paulo. Demolido em 2009, o Casarão era uma importante fonte por meio da qual compreenderíamos a casa sertaneja goiana. Seria possível reconhecer nela sua precedente: a casa urbana bandeirista paulista seiscentista. Esta, localizada na trajetória que demarca espacialmente um marco referencial geográfico goiano, tem como base as memórias arquitetônicas do Casarão de Origem de Bartolomeu Bueno da Silva (filho), desde sua saída exploratória, portanto intencional, ao sertão de Goiás em 1722.

Lúis Saia (1978) sobre a casa paulista afirma que “estaríamos em face do único exemplar de residência urbana do segundo século na região de São Paulo”. A Casa da Parnaíba existe só pela metade, pois parte foi derrubada e, no século XVIII, sobre seus alicerces de taipa, foi construído um sobrado. Seu amplo telhado, arrematado por cachorros, e as conversadeiras, ladeando as janelas, indicam que se trata de casa bandeirista. Identificada pelo arquiteto Lúis Saia, o imóvel, já então acoplado a um sobrado, foi dos primeiros a ser restaurado pelo IPHAN, com a colaboração de Lúcio Costa (SAIA, 1978).



Casa onde viveu Anhanguera no Arraial da Barra, GO (registro de 1997):  
Casarão de Fronteira (setecentista).

Casa onde viveu  
Anhanguera em Santana  
do Parnaíba, SP  
(registro de 1955):  
Casarão de Origem  
(seiscentista).

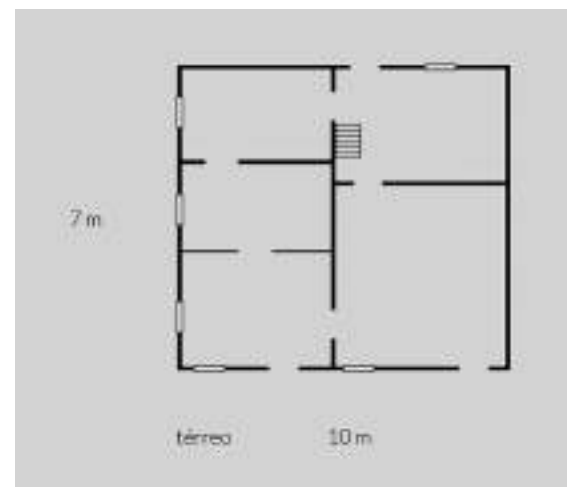


Durante os trabalhos de campo, pela vivência, constatamos que os habitantes do Arraial da Barra ainda hoje separam a planta baixa de suas casas em cômodos da mesma forma que se apresenta neste croqui de memória.

Além da semelhança no seu aspecto externo, as várias formas de casas se aproximam pelas suas estruturas internas, pela planta de seus cômodos, remontando o Casarão de Origem. O geógrafo francês Pierre Monbeig (1940) considera esse estudo de fundamental importância, pois acredita que o número e a dimensão dos cômodos são indicações do nível de vida e refletem também a estrutura social e familiar do grupo. A forma interna da casa exterioriza relações sociais que caracterizam o gênero de vida<sup>2</sup>. Formato regular. Constatam-se, de imediato, quatro áreas bem definidas: a frente da casa, seu interior, o alpendre no entremeio “fora” e “dentro”, e o quintal no fundo.



Casarão de Fronteira - planta baixa da casa sertaneja goiana  
monobloco em cômodos  
Croqui de memória (Zé do Peão aos 9 anos de idade)



Casarão de Origem  
- planta baixa da  
casa de Anhanguera  
em Santana do  
Parnayba/SP

Essa proposta arquitetônica do Casarão de Fronteira vai se repetir nestas residências que estudamos e na casa originária paulista, com ausência de alpendre (casa da Dita). Posteriormente, este elemento arquitetônico aparece como traço cultural goiano, com a presença de alpendre frontal e posterior (casa seu Inocência).

Fatores climáticos, de traço cultural no modo de receber se revelam com essa materialidade. O Casarão de Fronteira apresenta um pequeno corredor. Esse corredor recebe o nome de alcova ou sala de dentro, uma adequação no tempo para suas funções, tais como resolver a passagem de um quarto para outro. Corredores de ligação praticamente inexistem, como herança do Casarão de Origem. Nas quatro casas levantadas (planta arquitetônica, corte e fachada), também esses cômodos têm dimensões bastante reduzidas. São comuns os quartos de seis ou oito metros quadrados com o espaço mínimo para se alojar uma cama e se guardar um pouco de roupa. Quartos um pouco maiores já abrigam duas camas. As salas são pouca coisa maior. As cozinhas ocupam a maior área, de 10 a 12 metros quadrados, e estão resolvidas em puxados de serviços das plantas das casas.

## “A casa é a feição geográfica de ocupação humana que melhor reflete o meio.”

Monbeig (1940)

Nas poucas casas em que aparecem, os banheiros são construídos junto das cozinhas, nas ampliações, para aproveitar melhor o encanamento que abastece as pias de lavar louça. É comum existir a cozinha de dentro e a cozinha de fora. Sempre há uma porta da frente na sala e uma dos fundos na cozinha, salvo uma ou outra exceção pouco expressiva. O partido arquitetônico dessas casas e o de suas plantas lembram muito o da casa urbana bandeirista paulista. É possível admitir que tenham se originado de uma mesma essência cultural, pois as casas sertanejas são singelas nos materiais e nas dimensões. As fachadas frontais apresentam as mais variadas composições e, apesar de a disposição das janelas sugerirem algum ritmo, o distanciamento entre elas quase nunca é regular. A maioria das fachadas principais compostas de três vãos tem a porta no centro ladeada pelas duas janelas, sem que isto garanta a conclusão da existência de uma perfeita simetria. As demais aberturas ocorrem de acordo com as necessidades da planta. Em comparação à planta do Casarão de Origem, de Santana do Parnayba, o Casarão de Fronteira no Arraial da Barra foi adaptado ao longo do tempo, recebendo cômodos adicionais como o corredor, os quartos (despensa ou despensa) e o alpendre.

### Influências portuguesas e paulistas

Identificamos também adequações advindas da cultura portuguesa e acopladas à cultura goiana. Das quatro casas, três recebem pequenos e graciosos alpendres. Três, projetados da fachada frontal e nos fundos, cobertos por um puxado de telhado e ligados ao chão por uns poucos degraus de pedra ou tijolos. Singelos, muitas vezes um metro de largura, dão graça especial à composição final da arquitetura e foram se adequando ao clima e modo de construir sertanejo goiano.

Com propriedade, dizia Monbeig (1940) “a casa é a feição geográfica de ocupação humana que melhor reflete o meio”. A casa de sopapo ou barrote “daqui” do Arraial da Barra ainda seria muito difundida e utilizada no

Brasil sertanejo. Paredes construídas em taipa, com barro, areia e esturme de gado, para dar firmeza ao reboco. Tal qual à casa do João-de-Barro, que utiliza esturme de gado, atribuindo-se a este material a qualidade da liga, para evitar a rachadura, a casa bandeirista “de lá” tinha esse aspecto em Santana do Parnayba (SP). Na fachada, abre-se uma ou duas janelas e uma porta, de tábuas de madeira, notando-se pouca abertura para o exterior. Com o tempo, essas casas dispõem de alpendres. Sua divisão interna era feita com paredes do mesmo material externo da casa. A estrutura das paredes de varas de madeira roliça é traçada perpendicularmente. Amarradas com cipós, as varas são por vezes finas e tortuosas (COSTA, 1978).

O preenchimento feito com argamassa de barro, material aproveitado do próprio solo – tabatinga –, é lançado sobre o esqueleto das paredes e depois aplainado. O telhado é mais simples, de duas águas, e coberto com telhas de barro. Assentada diretamente no solo, a casa é construída em terreno plano, tendo por chão o cimento queimado colorido. A planta da casa era quadrilonga (TRINDADE, 2013/2014), de dimensões acanhadas, com área mais extensa na frente que nos fundos. Tem cômodos básicos: a sala, o quarto e a cozinha, podendo, vez ou outra, conter mais um quarto como despensa. Não havia banheiros; os banhos eram tomados em bacias ou no rio. Para dejeções, recorria-se ao mato. O mobiliário se restringia à mesa de madeira com bancos toscos, alguns com assento de couro. O catre (cama de varas) ou redes eram os objetos usados para dormir. Uma tradição cultural. O Casarão de Fronteira era a primeira casa permanente e o repertório simbólico do habitar sertanejo. Assim, era representante de uma transição entre uma arquitetura com alguns aspectos da arquitetura bandeirista e algumas marcas portuguesas, como é o caso do alpendre. Ele guardava algumas preciosidades do Casarão de Origem seiscentista de Bartolomeu Bueno e era “o último vestígio” da tipologia paulista urbana bandeirista da Capitania de São Paulo no sertão das Minas de Goyaz.

## A verdadeira cultura da ruralidade do sertão

A pesquisa que conduziu a produção desta obra evidenciou uma face da casa sertaneja que não é a dos casarões ou casas tradicionais dotadas de pomposidade especial, como as das fazendas de gado ou de engenhos. Ao contrário, a casa sertaneja na sua simplicidade nos ensina sobre preservação e a preocupação que devemos ter com um patrimônio popular distinto daquele que se enaltece pela imponência material. Ela também se impõe frente ao patrimônio goiano regido pela velha oligarquia, que dita os roteiros turísticos e pontos de visitação de acordo com políticas que lhes interessam, excluindo a verdadeira cultura das ruralidades do sertão goiano, relacionada ao essencial.

Desse modo, podemos destacar, a partir das bases empíricas das oralidades, fotos, textos e mapas desta análise, que o partido arquitetônico, o programa de necessidades, a tecnologia construtiva, os materiais e a mão-de-obra regional evidenciaram o fato de que o Casarão de Fronteira do sertão das minas dos Goyazes implantou-se como casa permanente, e suas referências arquitetônicas remontam ao Casarão de Origem da Capitania de São Paulo e se revelam nas quatro casas estudadas.

*Luciana Helena Alves da Silva*



# Mapa de situação dos levantamentos

Os mapas examinados e apresentados a seguir fazem referência ao habitar analisado ao longo da pesquisa referente às casas sertanejas presentes no Distrito de Buenolândia. Contamos com um acervo de quatro casas, sendo uma localizada a nove quilômetros do Arraial da Barra em deslocamento por estrada de terra.



ESCALA GRÁFICA  
0 40.0 120.0 240.0 metros

ESCALA GRÁFICA

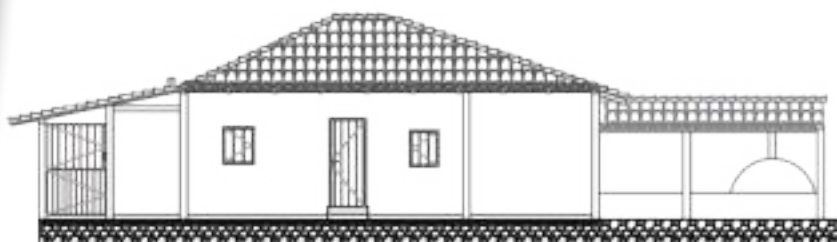
3 KM



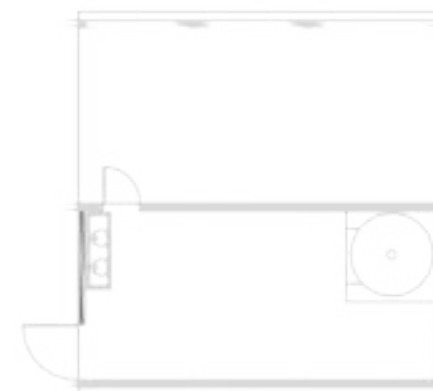
■ Casa sertaneja - Casa da Dita  
■ Distrito de Buenolândia  
--- Deslocamento por estrada de terra



# CASA SERTANEJA GOIANA DA DITA (1937)



FACHADA PRINCIPAL



RANCHÃO: forno de barro, despensa, tanque e fogão à lenha

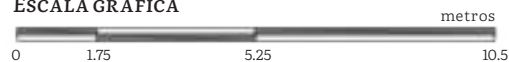


CORTE A

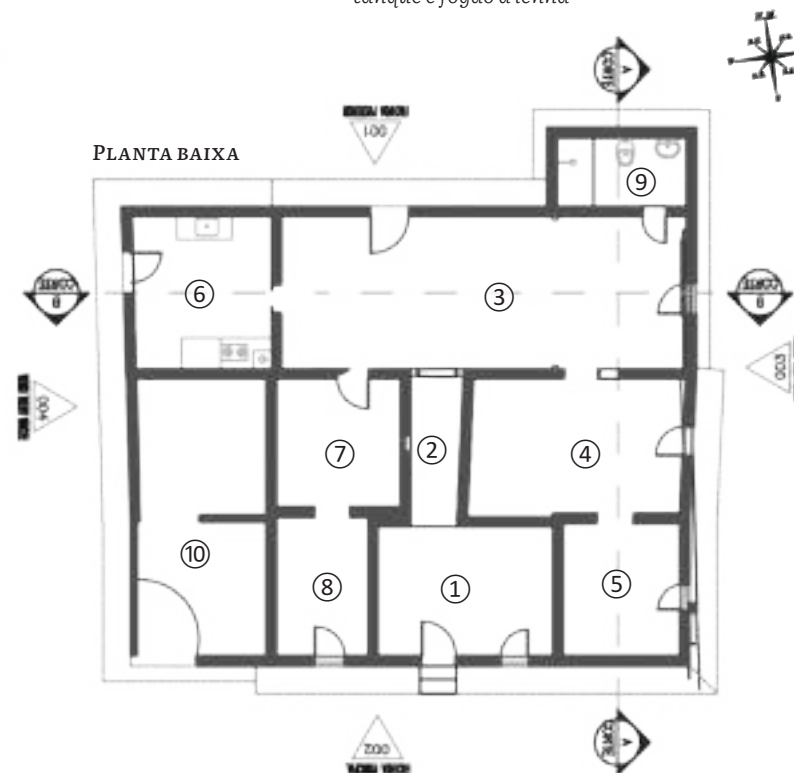
## LEGENDA

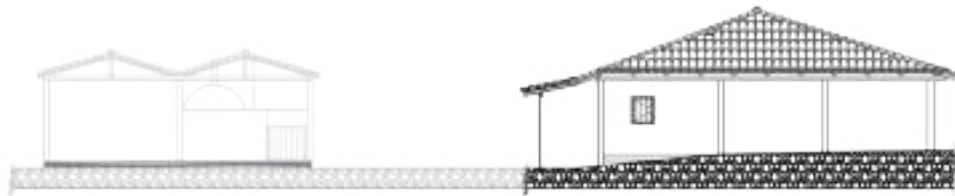
- ① SALA 1
- ② CORREDOR
- ③ SALA 2
- ④⑤⑦⑧ QUARTOS
- ⑥ COZINHA
- ⑨ BANHEIRO 1
- ⑩ DEPÓSITO

## ESCALA GRÁFICA

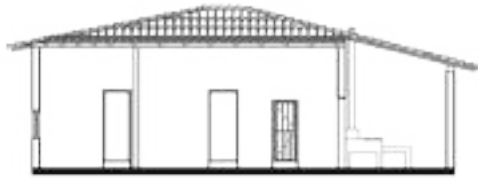


## PLANTA BAIXA





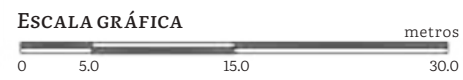
FACHADA LATERAL DIREITA



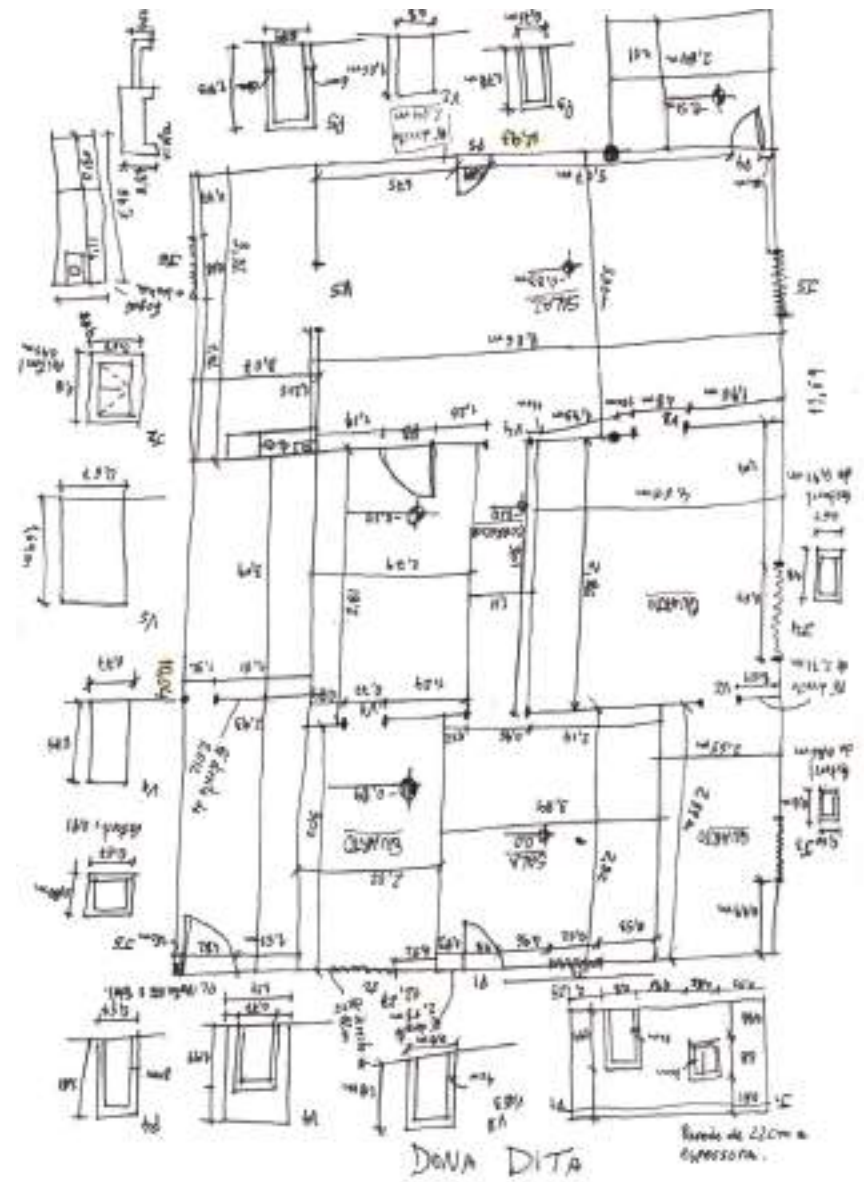
CORTE B



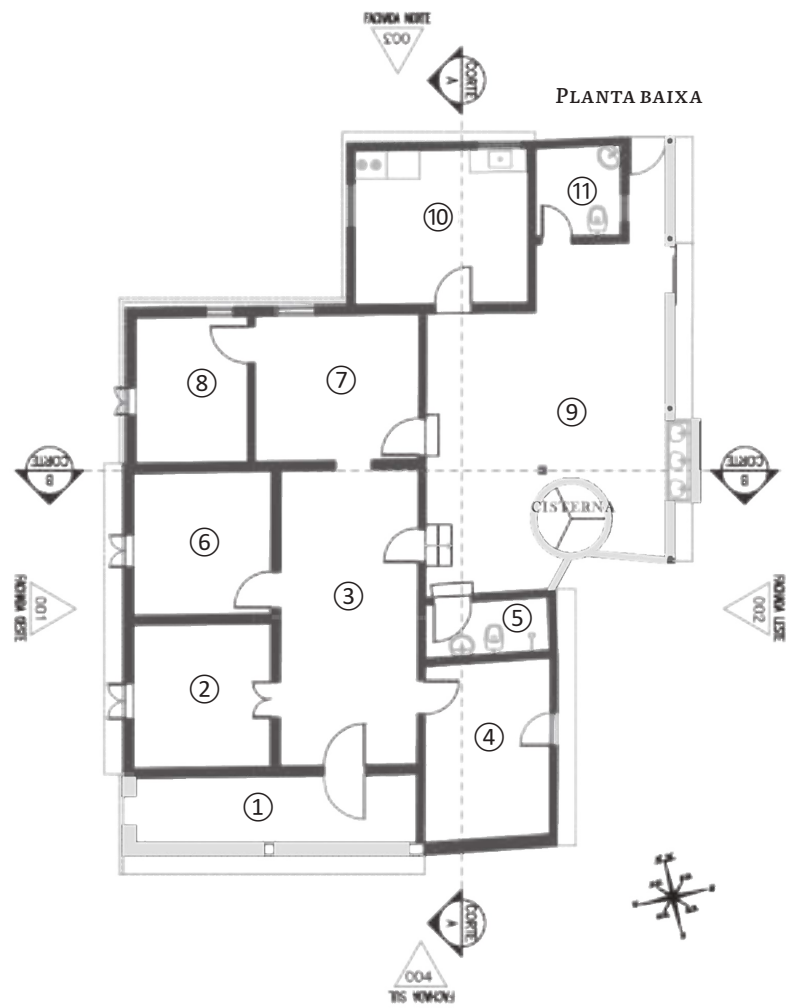
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



DESENHO DE LEVANTAMENTO

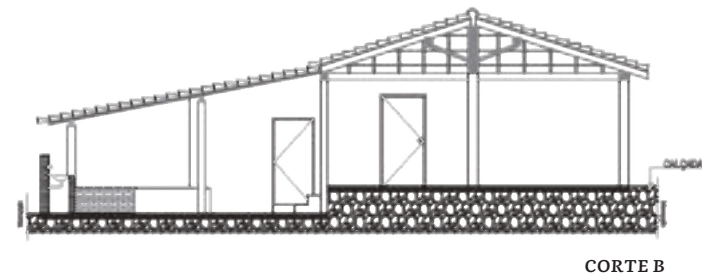
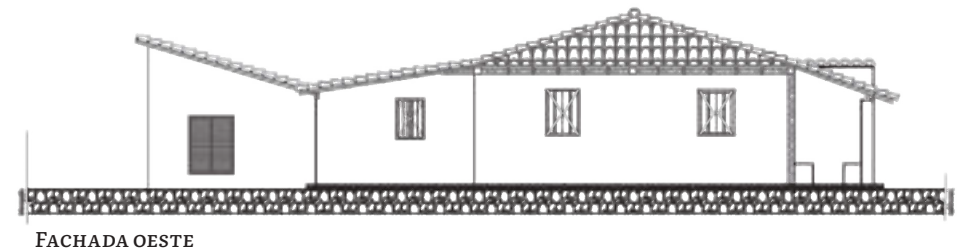
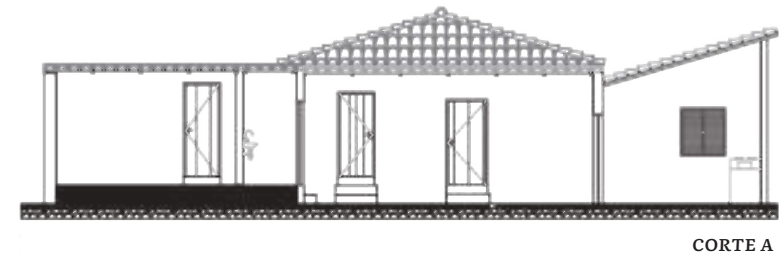
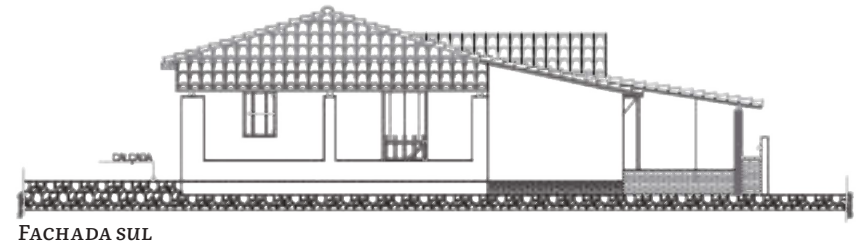
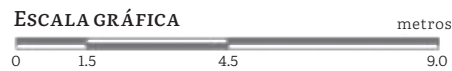


# CASA SERTANEJA GOIANA DO SEU INOCÊNCIO (1943)



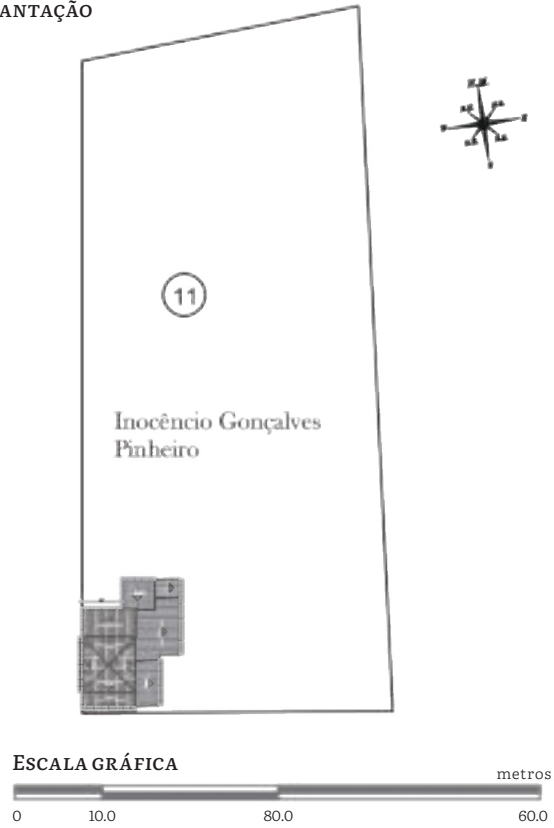
## LEGENDA

- ① ALPENDRE 1
- ② QUARTO 1
- ③ SALA
- ④ QUARTO 2
- ⑤ BANHEIRO 1
- ⑥ QUARTO 3
- ⑦ COPA
- ⑧ ALPENDRE 2
- ⑨ VARANDA
- ⑩ COZINHA
- ⑪ BANHEIRO 2

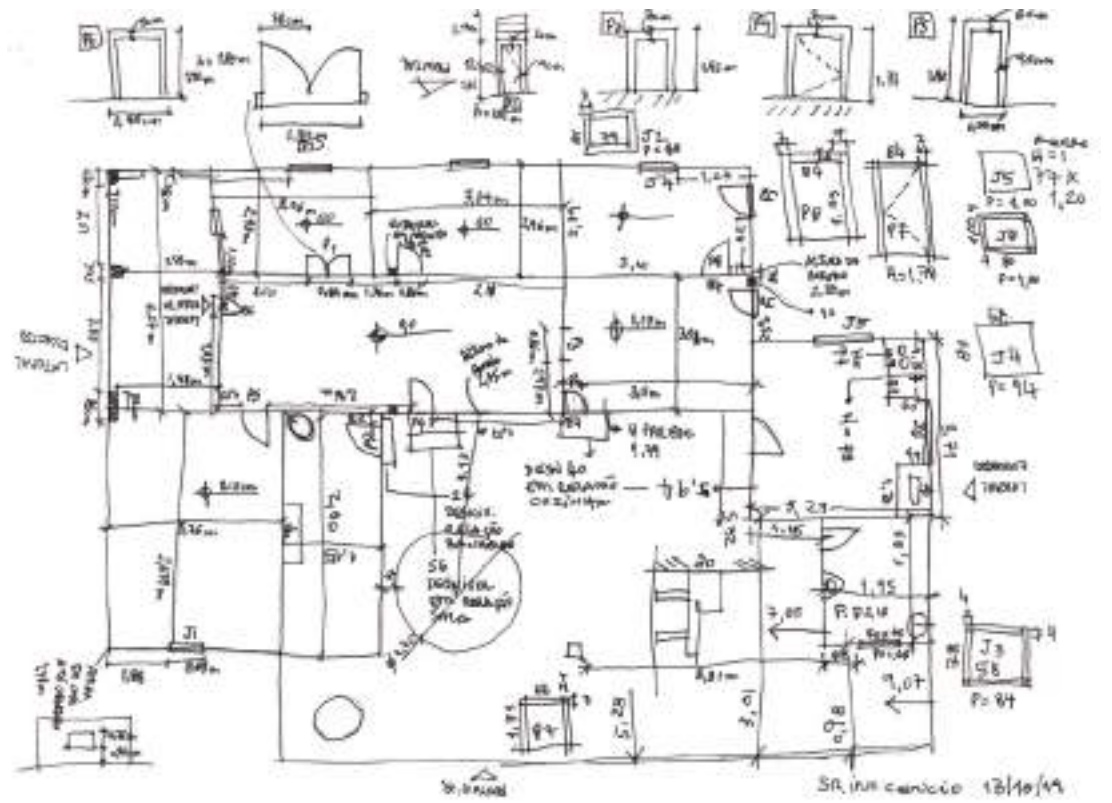




PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

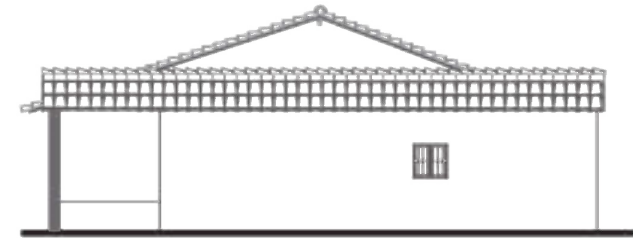
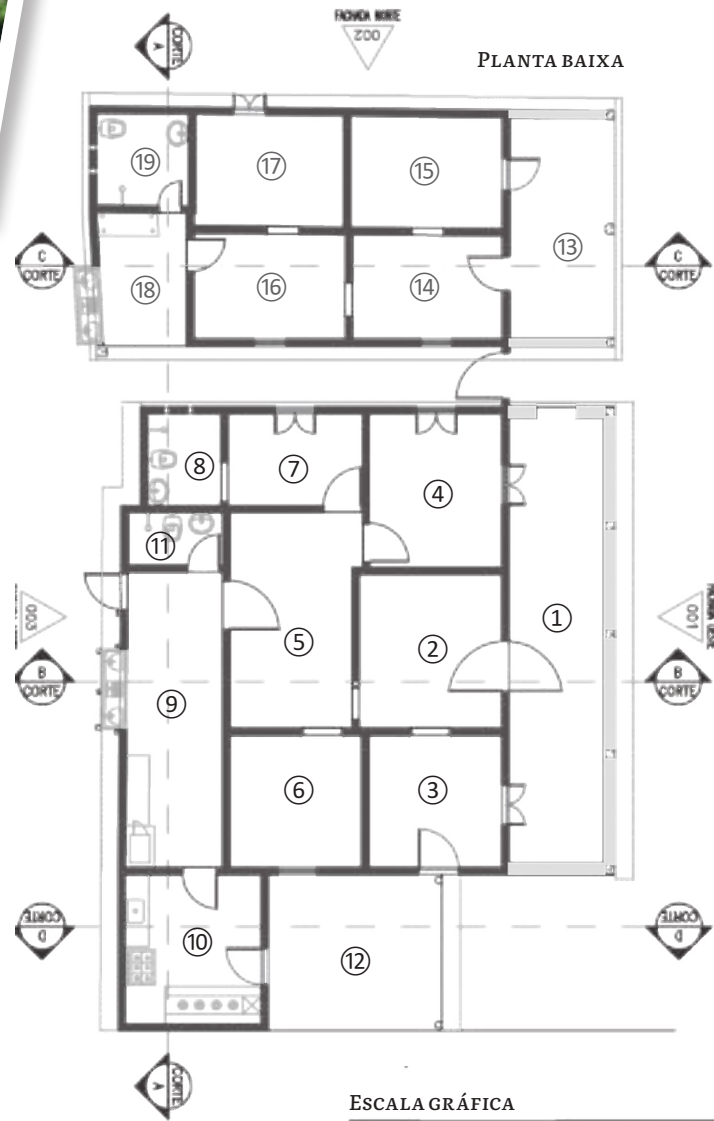


DESENHO DE LEVANTAMENTO

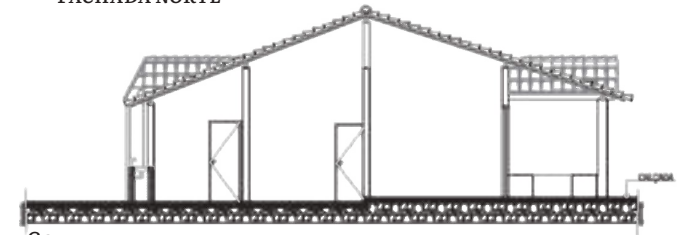




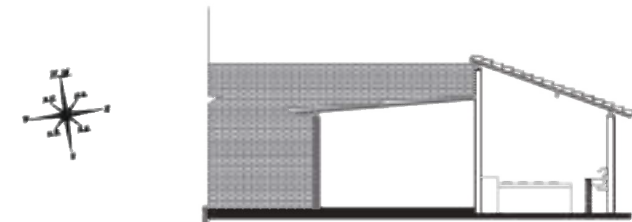
# CASA SERTANEJA GOIANA DONA FRANCISCA E MARIQUINHA (1956)



FACHADA NORTE



CORTE B

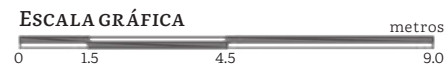


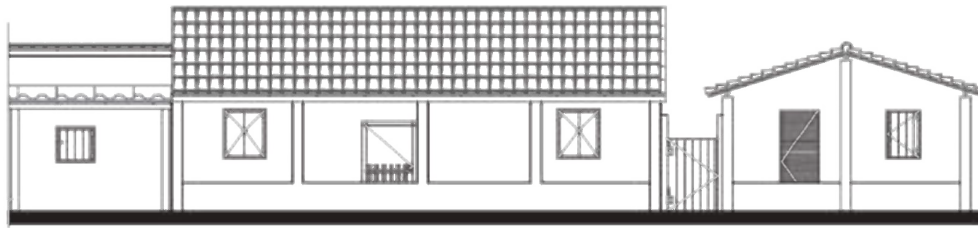
CORTE D



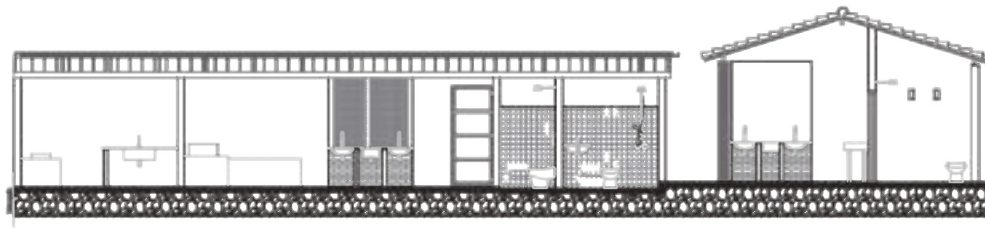
## LEGENDA

- |              |              |              |
|--------------|--------------|--------------|
| ① ALPENDRE 1 | ⑤ COPA       | ⑨ VARANDA    |
| ② SALA       | ⑥ QUARTO 3   | ⑩ COZINHA    |
| ③ QUARTO 1   | ⑦ SUÍTE      | ⑪ BANHEIRO 2 |
| ④ QUARTO 2   | ⑧ BANHEIRO 1 | ⑫ GARAGEM    |
| ⑬ ALPENDRE   | ⑰ QUARTO 2   |              |
| ⑭ SALA       | ⑱ COZINHA    |              |
| ⑮ QUARTO 1   | ⑲ BANHEIRO 1 |              |
| ⑯ COPA       |              |              |

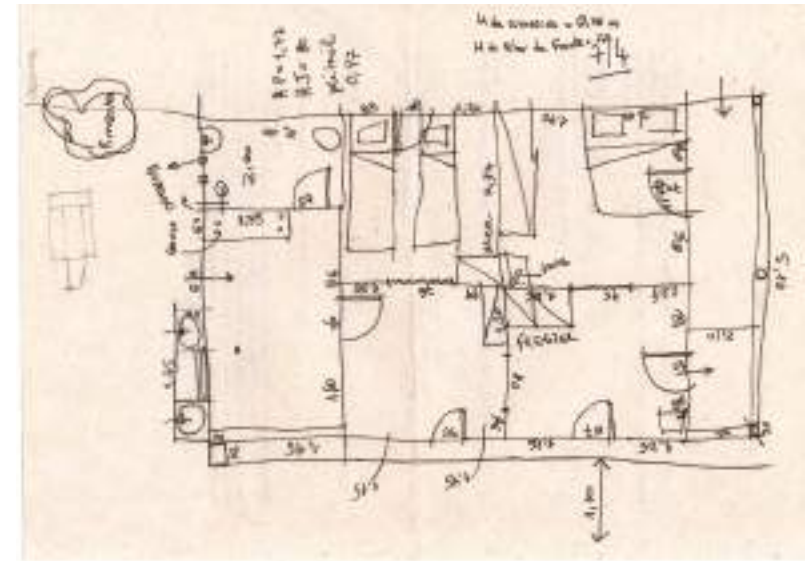




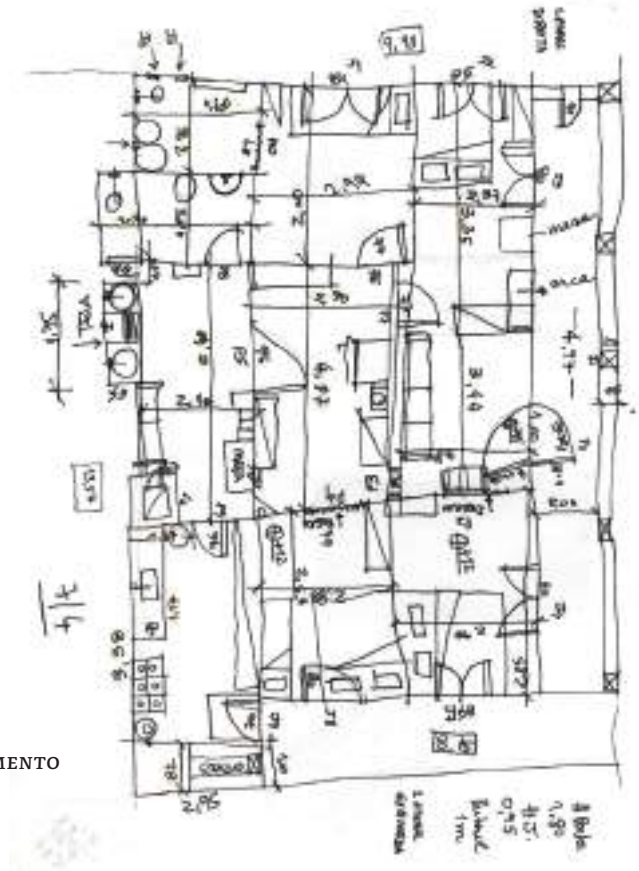
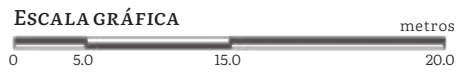
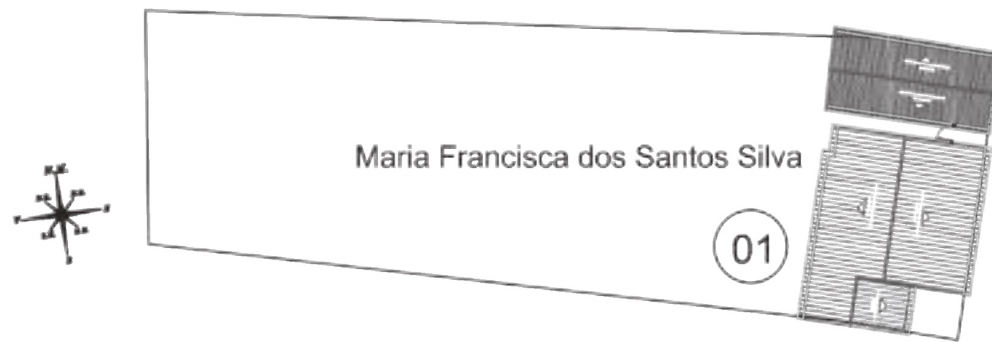
FACHADA OESTE



CORTE A



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

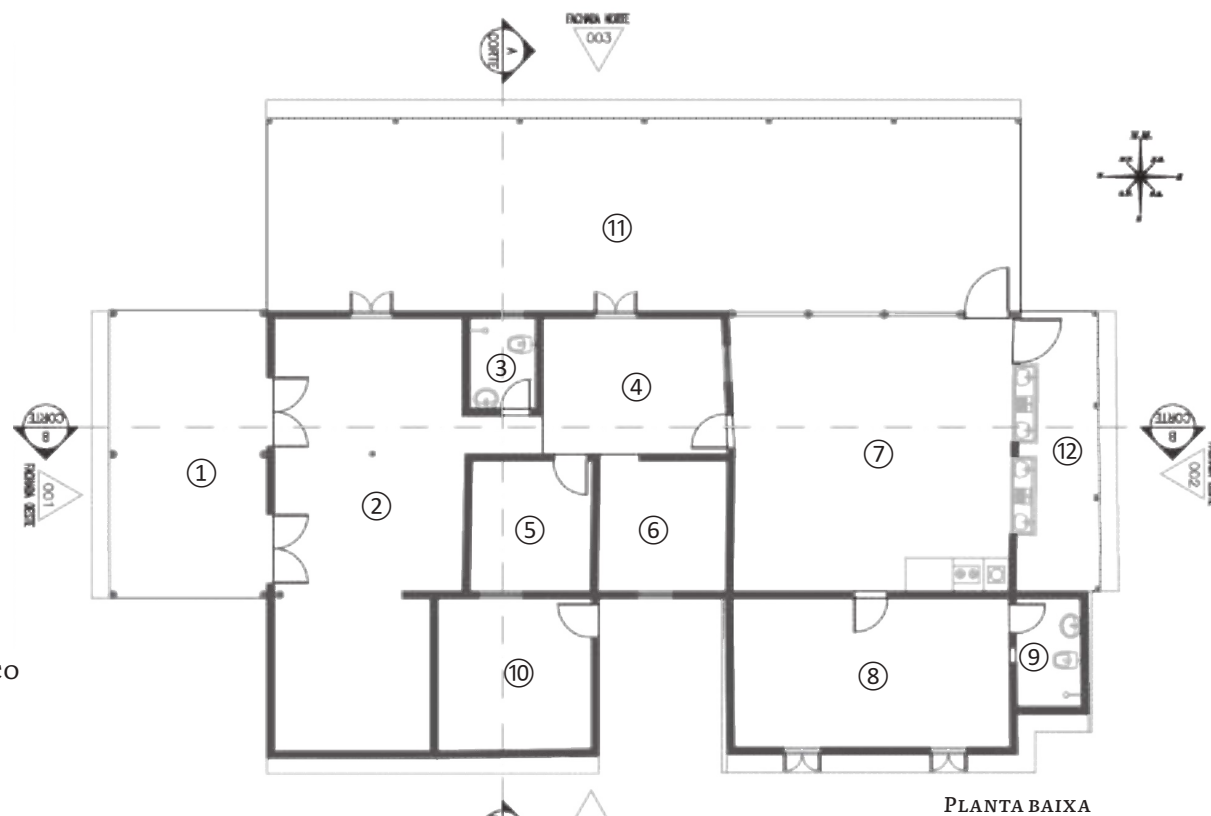


DESENHO DE LEVANTAMENTO

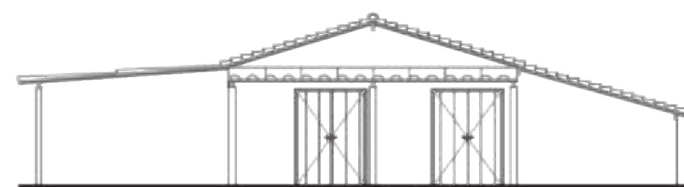
# CASA SERTANEJA GOIANA DA VANINHA (1985)

## LEGENDA

- ① ALPENDRE
- ② ARMAZÉM
- ③ BANHEIRO 1
- ④ SALA
- ⑤ QUARTO 1
- ⑥ QUARTO 2
- ⑦ COZINHA
- ⑧ QUARTO 3
- ⑨ BANHEIRO 2
- ⑩ DEPÓSITO DO ARMAZÉM
- ⑪ GARAGEM
- ⑫ ÁREA DE SERVIÇO



ESCALA GRÁFICA metros  
0 1.5 4.5 9.0



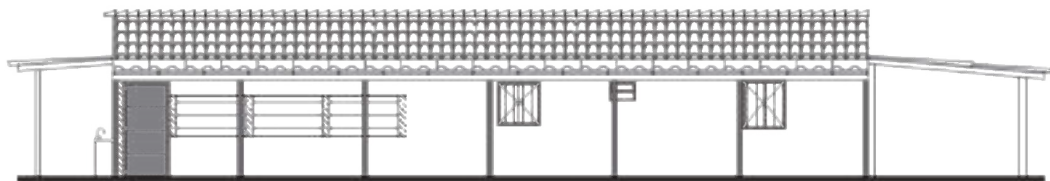
FACHADA OESTE



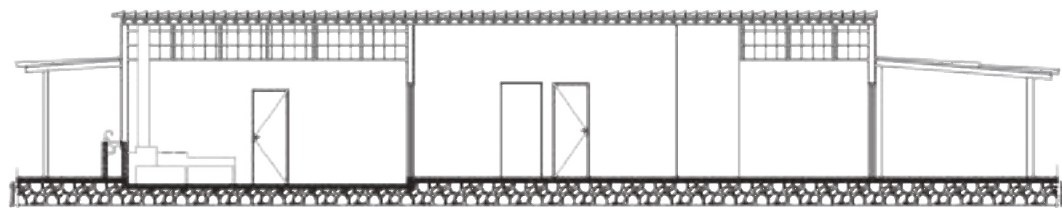
CORTE A



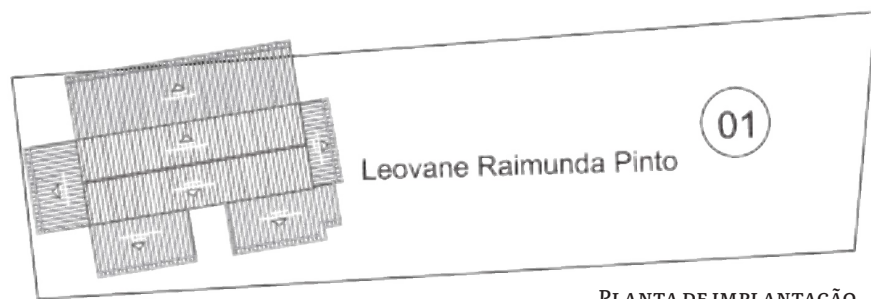
DESENHO DE LEVANTAMENTO



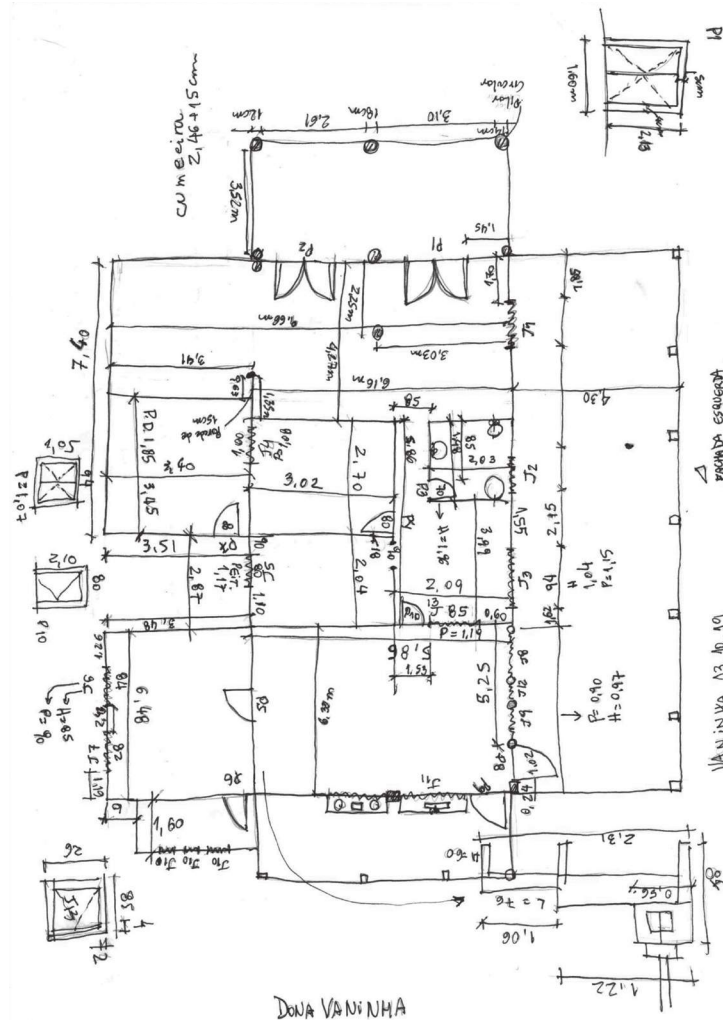
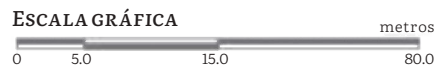
FACHADA NORTE



CORTE B



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



4

TERRAS DA SANTA

# Cartografia

*Eliézer Carvalho França*

VILA BOA DE GOIÁS

Rio Vermelho com seus afluentes auríferos

# CARTOGRAFIA DA ESTRADA REAL DO ARRAIAL DA BARRA

Nas páginas a seguir, nos propusemos a apresentar-lhes a leitura de mapas que se formaram e ainda estão em processos de transformação ao longo da Estrada Real do Nascente, passando pelos arraiais mineradores do séc. XVIII, localizada hoje na Cidade de Goiás. Vale ressaltar, porém, que nos desafiamos ainda a realizar a elaboração de novos mapas, também expostos neste trecho da coletânea, levando em consideração os raios de sesmarias (SILVA, 2019), o resgate de elementos da memória e informações sobre rotas utilizadas, alteradas ou abandonadas. Pois a memória é uma ferramenta significativa para a construção do lugar (TUAN, 1974) (MOTTA, 2003), que, por sua vez, renova e ressignifica a memória (HOLZER, 2000).

Neste caso, compreendemos um ciclo de troca na construção identitária do sujeito sertanejo ao longo da Estrada Real do Nascente, como forma de resiliência (GUATTARI, 1996), desde seus arraiais: Ouro Fino até a Barra. A experiência de análise e elaboração da nova cartografia do local foi motivada principalmente pela vontade de compreender a formação da dinâmica socioespacial do Arraial da Barra e de seus habitantes a partir das relações estabelecidas entre os percursos e as atividades desenvolvidas ao longo da Estrada Real do Nascente no séc. XVIII.

Para a elaboração dos mapas, foi necessário passar por um processo de imersão no Arraial da Barra para conhecer de perto as narrativas territoriais, assim como os hábitos e costumes locais. Para isso, estabelecemos parceria com membros da comunidade e com o mestrando Janiel Divino de Souza do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), junto ao PPGeo - Laboratório Gwatá que nos auxiliaram na leitura das memórias para projeção da Estrada Real do Nascente em novos mapas.

Esse trabalho de pesquisa e produção cartográfica nos trouxe importantes reflexões sobre a dinâmica socioespacial referenciada pelas memórias dos habitantes do lugar. Nos referimos às narrativas e às memórias do espaço rural, neste caso marcado pelas percepções socioculturais ao longo da Estrada Real do Nascente, no trecho que compreende os arraiais da Barra ao Ouro Fino. E graças justamente a tais reflexões e percepções socioculturais coletadas por meio das narrativas e memórias da população local, pudemos contribuir com a análise sensível “de perto e de dentro” onde a cartografia, sobretudo tecnicista, homogeneiza, massifica e não representa culturalmente o patrimônio cultural do lugar.

## De longe e de fora

Quando pensamos em viajar logo refletimos sobre rotas, condições do percurso, distâncias, clima e etc. As coisas complicam quando o lugar é totalmente desconhecido. Neste momento é que nos damos conta da importância dos mapas, que nos auxiliam através de suas simples ou complexas informações.

Podemos dizer que as mais antigas representações do pensamento geográfico são os mapas. Os primeiros eram feitos de madeira, esculpidos ou pintados, ou ainda desenhados sobre a pele de animais. Suas funções incluíam conhecer as áreas dominadas e as possibilidades de ampliação das fronteiras, demarcar territórios de caça e representar a visão de mundo que esses povos tinham à época. Entendemos a importância de se ter um mapa antes de qualquer exploração territorial, mas e quando um viajante ou um grupo de exploradores não possuem esse mapa? Se levássemos em

consideração os dias de hoje, teríamos uma resposta na ponta da língua, pois atualmente qualquer aparelho celular é capaz de gerar um mapa, não apenas encontrando lugares em qualquer parte do mundo como também criando rotas para acessá-los.

Mas você já parou para imaginar como seria partir para um lugar desconhecido, com pouquíssimas ou quase nenhuma informação sobre o local? Foi exatamente o que aconteceu com a exploração em busca do sertão das minas dos Goyazes, quando Bartolomeu Bueno da Silva (filho) seguia com sua caravana rumo ao norte da Capitania de São Paulo, com a missão de trilhar por terra esse território, a fim de desenhá-lo e registrar os marcos geográficos, traduzindo em formato de linguagem gráfica rudimentar as informações desse sertão para Dom João V, informando sobre as áreas do território espanhol às quais avançassem.

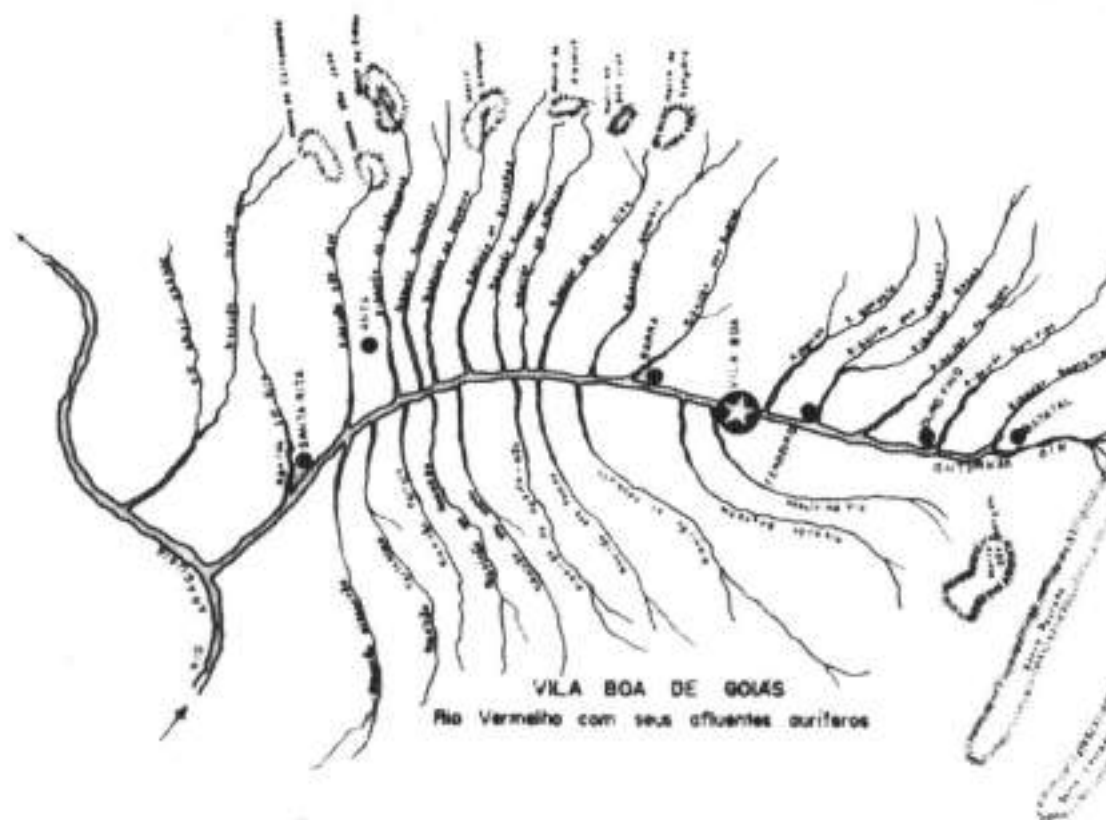
Podemos observar na cartografia ao lado a quase a retidão do percurso do Rio Vermelho em busca do Rio Araguaia, destacada pela particular ausência da sinuosidade hídrica que o qualifica. A suavidade representada no mapa confeccionado à mão traduz a proximidade do percurso com as rotas exploradas, pela deriva, a partir do índio-bússola, pela relação experienciada com a natureza e suas intempéries, causando um resultado cartográfico mais aproximado e traduzido aos sentidos do corpo, diferente do mapa elaborado com recursos de software de precisão geográfica.

Mas para chegarmos nesses mapas produzidos à mão durante a deriva, é preciso voltar à exploração bandeirista que saiu de São Paulo em 1722, na qual atravessaram a região conhecida hoje como Triângulo Mineiro e seguiram em direção ao Rio Paranaíba para penetrar nas ambicionadas terras da capitania de São Paulo. A seguir, apresentamos o trecho do relato que o alferes José Peixoto da Silva Braga concedeu ao Padre Diogo, intitulado “Relatos Sertanistas”<sup>1</sup>, sobre a expedição do Anhangüera, que

fundou o primeiro povoado nestas terras. Ambos foram membros dessa exploração.

“Saí da cidade de São Paulo a três de julho de 1722 em companhia do capitão Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera de alcunha, que era o cabo da tropa com 39 cavalos, dois religiosos bentos, frei Antônio da Conceição e frei Luiz dos Sant’Anna, um franciscano, frei Cosme de Santo André, e 152 armas, entre as quais também vinte índios, que o sr. Rodrigo Cezar, general que então era de São Paulo deu ao cabo Bartolomeu Bueno, para condução das cargas e necessário. Dos brancos quase todos eram filhos de Portugal, um da Bahia e cinco ou seis paulistas com seus índios e negros todos à sua custa.

Mapa do Rio Vermelho com seus afluentes auríferos. BERTRAN, Paulo. Notícia Geral da Capitania de Goiás



<sup>1</sup> TAUNAY, Afonso de E. Relatos Sertanistas. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953. Exemplar nº 308. Biblioteca Histórica Paulista VII.

Passado Rio Tietê, fomos pousar neste dia junto ao mato do Jundiá, quatro léguas distante da cidade de São Paulo; na manhã seguinte, entramos no mato e gastamos nele quatro dias. Saídos do mato passamos o Rio Mogi, que é rio de canoa, e muito peixe tem, e dá mostras de ouro, mas com pouca conta; aqui falhamos um dia e, no seguinte, marchando sempre ao norte, demos com um rio também de canoa, a que pusemos o nome e nele pousamos esta noite. É o caminho todo campo com alguns capões de matos, bons pastos e bastante aguadas.

No dia seguinte passamos o rio em um vão com água pelo peito, e fomos pousar no meio do campo distância de três para quatro léguas; é todo bom caminho, bom pastos e muita caça, e tem alguns córregos com bastante peixe. Deste ponto fomos dormir distância de quatro léguas junto a um córrego, que entra como os mais no rio Grande. Daqui passamos na manhã seguinte encostados uns paus, e presos com uns cipós para vencermos a muita violência e grande força d'água com que corria. Neste pouso falhamos um dia, sendo a causa o requerer toda a tropa a Anhangüera lhe fizesse a resenha que lhe tinha prometido antes fazer em Mogi, e a que tinha já faltado. Escusou-se este com a promessa de que, em chegando o capitão João Leite da Silva Ortiz, seu genro, que nos tinha ficado atrás e era o outro descobridor, a faria e, caso que este não chegasse a tempo competente, a faria ele cabo, no rio Grande.

Com esta esperança marchou toda a tropa, sete ou oito dias, sempre por campos e matos grossos, e pousando sempre à beira de córregos e rios; não faltou em todos eles caça e peixe. Deste último pouso fomos ao rio Grande, passamo-los em canoas feitas de paus de sumaúma depois de dormirmos; e falhamos nele dois dias, esperando se nos fizesse a resenha prometida, mas faltou como sempre, o Anhangüera. Partiu desse sítio toda a tropa ainda junta, mas já desconfiada, e foi dormir distância de quatro léguas junto a um córrego, que deságua no rio Grande. Aqui nos começou a faltar o mantimento, e assim nos foi preciso marchar cinco dias passando com o que dava a espingarda, pássaros, macacos, palmitos e algum mel.

No fim destes cinco dias chegamos ao rio das Velhas, que entra no rio Grande, é caudaloso, tem bastante peixe, mas sem mostras de ouro. Falhamos nele dois dias, pescando e caçando por ter bons matos, e para provimento da viagem. Aqui nos deixou o Anhangüera adiantando-se com parte da tropa, ficando a mais expedindo-se para seguir. Neste tempo, e ausente já o cabo, chegou o João Leite com a sua gente, por cuja causa falhamos mais esse dia. No seguinte seguimos com João Leite ao Anhangüera e, depois de quatro dias de marcha, o achamos com ranchos feitos entre o mato, passamos do caminho alguns córregos, que nos permitiram o vadeá-los por ser tempo de seca.”



Estrada Real do Nascente de Goiás. MAGALHÃES, Agenor Couto. Encantos do Oeste, 1945, Imprensa Gráfica, RJ, pg.57



Sesmaria: “(...) carta régia de 29 de abril de 1726, na qual D João V, (...) concedendo sesmarias com seis léguas de testada por seis de fundo, para o estabelecimento nelas de gente, plantas e criações”. (TEIXEIRA, 2011, p. 268)



Igreja Nossa Senhora do Rosário no Arraial da Barra, 2018



Igreja São João Batista no Arraial do Ferreiro, 2018



Catedral de Santana na cidade de Goiás, construída sobre a antiga igreja de Santana no Arraial de Santana, 2018



Igreja de Nossa Senhora do Pilar no Arraial do Ouro Fino, 2018

Na Capitania de Goiás, as capelas foram se levantando paralelamente à formação dos aglomerados decorrentes de descobrimentos auríferos, caracterizando uma estreita relação com o crescimento econômico e populacional. Ferreiro, Ouro Fino e Barra foram os arraiais iniciais dos Goyazes, formados praticamente a partir do soerguimento de suas capelas. Posteriormente, com o aparecimento de novos povoados, outras capelas também foram construídas e dedicadas a diversos centros de devoção: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora do Pilar, Santana e São João Batista. Em 1727, às margens do Rio Vermelho, construiu-se a Capela de Santana, no arraial do mesmo nome e que, anos mais tarde, se transformou na capital Vila Boa de Goiás.

Fonte: BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. Urbanização em Goiás no Século XVIII. 2007, p. 157.

### Barra (Arraial da)

Dista da Capital 30 k. Fica próximo à confluência dos rios Vermelho e Bugres, em terreno plano, tendo lindos campos ao redor. O rio Vermelho, que já tem aqui bonito aspecto, carrega nos meses de Dezembro a Março, bastante água. Como esses dois rios ficam um pouco afastados da povoação, resente-se aqui de falta d'água.

Possue pequena capela que está em bom estado de conservação, admirando-se nela as imagens de N. S. do Rosario, N. S. d'Abbadia e da Boa Hora. Esta última foi trazida das ruínas da igreja de Anta.

Da povoação se gosaria boa vista se não houvesse, em torno da mesma, espesso cerrado que lhe dá um aspecto tristonho e de franca decadência. O futuro d'este arraial é a extensão.

É uma das povoações mais antigas de Goyaz, tendo sido fundada por Bartholomeu Bueno. Já teve uma população considerável quando a mineração estava no seu apogeu; mas a falta d'água para se trabalhar nas suas lavras e a destruição da ponte do Bugres foram os principais factores da sua decadência que foi rápida. Sua igreja, que tem a invocação de N. S. do Rosario, foi a primeira que houve em Goyaz e serviu de freguesia até 1744, anno em que se transferiu este título á de Sant'Anna de Villa Boa, de que passou a ser filial.

Fonte: Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goyaz p. 147.

Em 1726, Bartolomeu Bueno chefiou outra bandeira rumo a Goiás encontrando ouro em Barra; pelas descobertas, o Anhanguera filho veio a se tornar o primeiro capitão-mor com direito a distribuir sesmarias (KARASCH, 1994:369-370).

Fonte: BARBO, Lenora de Castro. Cartografia Histórica: território, caminhos e povoados em Goiás 1722 - 1889. 2015, p. 08.

## IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – ARRAIAL DA BARRA (1726)

Detalhes externos e internos da Igreja Nossa Senhora do Rosário no Arraial da Barra (altar principal, sino, cemitério e altares laterais), 2018





Detalhes externos e internos da Catedral de Santana na cidade de Goiás.

## IGREJA SANTANA – ARRAIAL DE SANTANA (1726/1743/1874)

“... No ano seguinte (1727, o bandeirante fundou o Arraial de Sant’Anna (primeiro nome da cidade), às margens do rio Vermelho.

A partir de então, ocorreu a ocupação por mineradores com a construção de casas próximo ao local de trabalho e da Capela de Sant’Anna, além da abertura dos caminhos que desenhariam as futuras ruas do local. Em 1729, o arraial foi elevado à freguesia e o Largo da Matriz de Sant’Anna a sediar edificações de caráter definitivo, compondo a área nobre do núcleo. Em 1739, dom Luiz de Mascarenhas elevou o Arraial de Sant’Anna à categoria de vila, com o nome de Vila Boa de Goiás.

Dez anos depois, em 1749, Vila Boa é elevada a capital da Província de Goiás”.

Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1477/>



Desenho da catedral de Santana. Projeto do arquiteto Gastão Bahiana, 1929, p. 94  
Fonte: PASSOS, Elder Camargo, 2018.



Detalhe da prancha 189, Goyaz, lápis aquarelado de Burchell – matriz de Goiás, 12-05-1828 (FERREZ, 1981).

No ano de 1743, foi demolida a capela de Sant’Ana, construída por Bartolomeu Bueno em 1726, e no local, foi iniciada a construção da Matriz de Sant’Ana. Conforme desenhos e prospectos, a feição arquitetônica do prédio permaneceu inalterada até 1826, pelo menos. Depois, começaram os problemas estruturais, que permaneceram durante todo o século XIX. E, ao longo desse período, ocorreram constantes tentativas de reconstrução do monumento. No ano de 1874, foi feita a reconstrução do frontispício da Catedral.

Fonte: LUZ, Giovana Emos. Goyaz, entre a forma e a função urbana: um estudo sobre a imagem da cidade no século XIX (1845-1880), UFG, Goiânia, 2012.



Detalhes externos  
e internos da  
Igreja de São João  
Batista no Arraial  
do Ferreiro, (altar  
principal, sino,  
cemitério e altares  
laterais), 2018



## IGREJA SÃO JOÃO BATISTA (1761) – ARRAIAL DO FERREIRO



Fundada em 1761,  
sua última obra  
de restauração foi  
entregue em 2012



Parochia de N. S. do Pilar do Ourofino.

Dista da capital 20 kilometros, foi fundada por Bartholomeu Bueno, no anno de 1726, elevada a freguezia de natureza colletiva pela lei provincial de 31 de Julho de 1845.

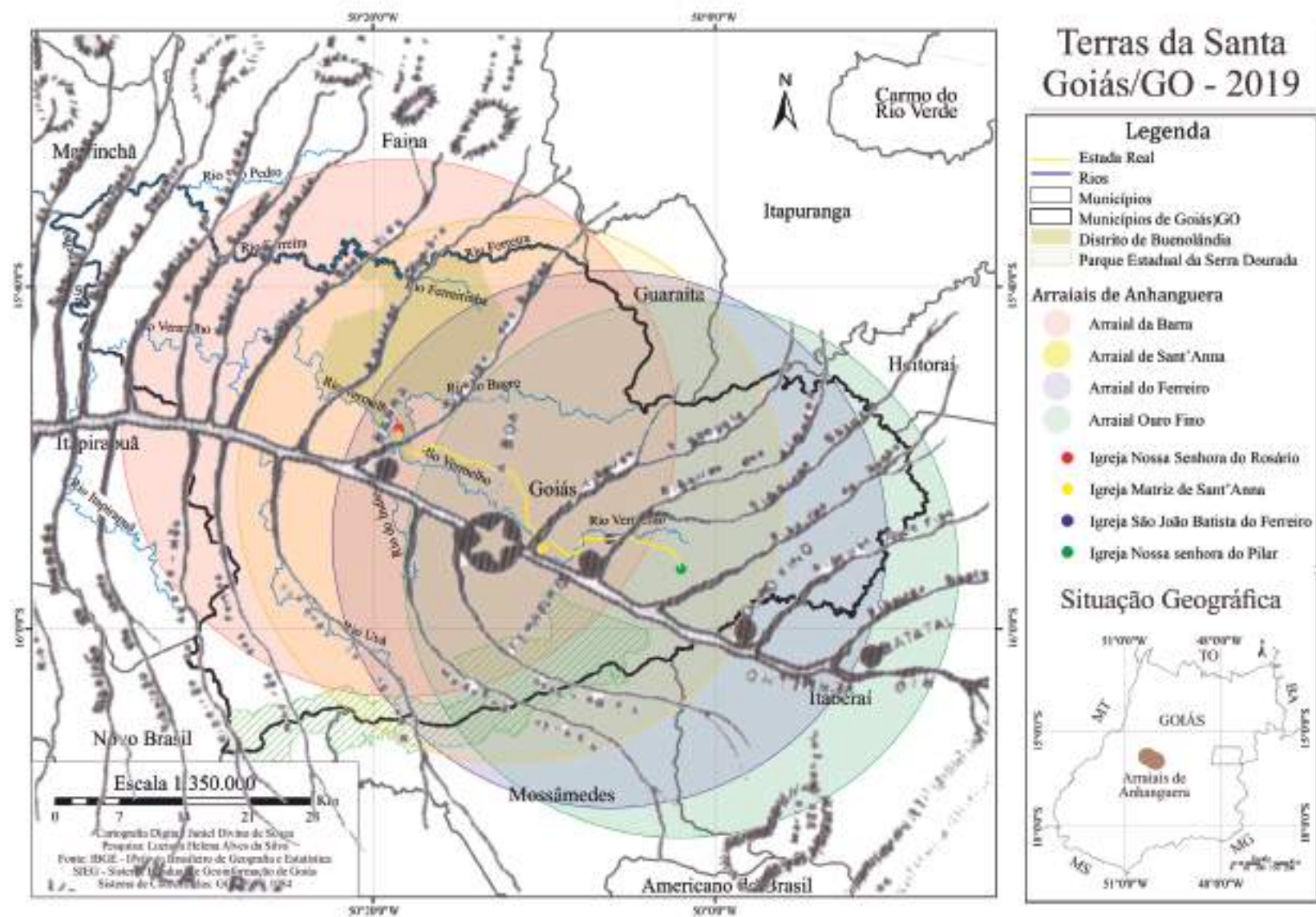
Vigario, Padre Antonio Pereira Ramos Jubé, collado por carta de 10 de Abril de 1848.

Fonte: BRANDÃO, A. J. Costa. Almanach da Provincia de Goyaz. 1886, p. 118.

## IGREJA NOSSA SENHORA DO PILAR – ARRAIAL DE OURO FINO (1727)



Detalhes externos e internos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar no Arraial do Ouro Fino, (cruzeiro, ruínas das paredes da igreja e túmulos do cemitério), 2018 e Igreja Nossa Senhora do Pilar do Ouro Fino, 1886, AJCosta Brandão, Almanach da Provincia de Goyaz



Sobreposição do Mapa das Terras da Santa, 2019 e Mapa do Rio Vermelho com seus afluentes auríferos, 1783

## De perto e de dentro

Ao olhar para o Arraial da Barra e o seu cotidiano, devemos nos munir dos elementos presentes sobre o espaço e as esferas da vida de seus sujeitos, onde observamos as diversas trajetórias, percursos e caminhos em diferentes mapas, defendido por Certeau (1994) como o olhar de dentro e de perto, análogo ao estranhamento causado pela vista panorâmica do topo, de longe e de fora, que se distancia das relações sensíveis construídas nos percursos. As práticas cotidianas do sertanejo, sobretudo dos habitantes do Arraial da Barra, devem ser analisadas sob essas duas vertentes, de perto e de dentro ou o estar próximo – na vivência cotidiana –, e os reflexos dos eventos na escala temporal que influenciam e/ou promovem modificações no tecido sócio-espacial, ou seja, modificam tanto as relações sociais quanto as práticas que se dão sobre o espaço. Este tempo dá-se de forma diacrônica, promovendo temporalidades ou singularidades que, de acordo com Santos (2008) não são vistas no...

*“(...) presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam. Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço (...). Quando falamos num evento passado, é de sua presença anterior num dado tempo, de um ‘presente passado’ que estamos falando. Quando falamos dum evento futuro, é de uma suposição que estamos falando, a suposição de que se realizará num presente futuro.” (SANTOS, 2008)*

Sobre o fenômeno cultural que está para além das representações cartográficas, as ancestralidades se apresentam no presente, seja na forma arquitetônica, como rugosidades sobre o tecido do espaço rural, seja nas apropriações dos espaços sagrados. Estes podem ser múltiplos, incluindo desde o templo arquitetônico até os elementos da natureza, que quando apropriados tornam-se também templos.

E é a partir dessas reflexões que os convidamos para experimentar essa percepção de perto e de dentro, onde estreitamos nossos olhares, abandonando a vista panorâmica de topo, do voo de águia, para nos encontrarmos com a riqueza de detalhes nos percursos, imergindo-nos no interior das casas sertanejas goianas, nos quintais e suas memórias.



Ponte de madeira sobre o córrego Fundo, Arraial da Barra, 2019



Ponte de madeira sobre o córrego Mazagão ao lado do bar do Elton, Arraial da Barra, 2019



Passarela do val (do latim vale) em madeira sobre o rio Vermelho, Arraial da Barra, 2018



Ponte de madeira sobre o rio Bugre na sede do distrito de Buenolândia, Arraial da Barra, 2018



Ponte do "Apertado" em madeira sobre o rio Vermelho, Arraial da Barra, 2018



5 **TERRAS DA SANTA**  
**Poesia têxtil**

*Gabriel Aires Peixoto de Lima*

# PERCEPÇÃO SENSÍVEL DA POESIA TÊXTIL SOBRE AS CASAS SERTANEJAS DO ARRAIAL DA BARRA

As casas sertanejas goianas revelam-se como espaços para a materialização da ruralidade e das afetividades nas práticas da vida cotidiana de seus sujeitos. As relações estabelecidas com suas casas atravessam memórias carregadas de sentimentos com cheiros, texturas, sons, sabores e paisagens próprias.

Tendo isso em vista, decidimos tentar traduzir os resultados da investigação sobre a dinâmica socioespacial e cultural do habitar e da memória sertaneja goiana por algum método que representasse essa percepção sensorial com a memória. E foi através do bordado manual que encontramos a maneira ideal de narrar a afetividade presente nas casas rurais sertanejas.

Por meio da identificação de elementos culturais presentes nas casas rurais, buscamos entender o espírito do lugar, as relações da memória afetiva dos moradores com suas moradias e o significado da casa sertaneja goiana através do tempo. Com base nesse trabalho inicial é que foram então produzidas as telas em tecido tipo algodão cru, a partir de um processo investigativo envolvendo o entrelaçamento entre teoria e prática, baseado na experiência e sensibilidade, e por meio do qual desenvolvemos uma estrutura reflexiva de um conjunto de imagens e representações, embasada na abordagem cultural em Geografia e referenciais teóricos em: Tuan (1974), Certeau (1994), Claval (2007) e Halbwachs (2013).

Esse trabalho de pesquisa possibilitou também evidenciar que as próprias telas são de fato produtos investigativos, pois se tratam de sistematizações da sensibilidade dotadas de uma estrutura reflexiva, apresentando os resultados da pesquisa a partir da experiência, dando visibilidade a esse espaço vivido e compreendendo o trabalho de registro como uma ferramenta para valorizar a cultura por meio da identificação de pluralidades de significados e experiências dos sujeitos do Arraial da Barra.

A investigação gerou debates acerca da forma de se produzir ciência utilizando a linguagem do bordado manual como método proposto pelo pesquisador, possibilitando o registro e o acervo contributivo e inédito, tanto para o meio acadêmico como para a devolutiva social, dos singulares saberes e lugares da cultura sertaneja goiana a partir da interação de textos e da criatividade por meio da imaginação, elevação, educação e sensibilidade estética.

O estudo das casas sertanejas goianas permitiu conhecer a experiência existencial na coletividade, carregada de significados e práticas de um povo que habita, constrói e transforma constantemente, sendo um meio de conhecer a comunidade e seus sujeitos. Além disso, proporcionou o acesso aos saberes sobre cultura e lugar por meio da valorização da palavra desses sujeitos excluídos da história contada, possibilitando compreender a complexidade dessa sociedade identificando as nuances que compõem a cultura sertaneja goiana.



Por fim, a pesquisa evidenciou que o uso de uma metodologia embasada na representação e nas imagens pode desenvolver resultados esperados diante da necessidade de criação de outros mecanismos de registro, além das linguagens acadêmicas formais, para evitar que as narrativas desses sujeitos desapareçam. O registro do Arraial da Barra revela-se premente e registra o conceito de Guattari e Rolnik (1986) em micropolítica, já que o retira da invisibilidade, representando resistência cultural a partir da legitimidade de seus sujeitos, seus rituais, suas práticas cotidianas e modo de vida sertanejo autênticos.

A cultura orienta o significado de diversos símbolos (TUAN, 1974), estando associada aos seus sujeitos. Nesse sentido, de acordo com o geógrafo Claval (2007), entende-se como cultura “o conjunto de signos, imagens e símbolos que os humanos usam para desenvolver discursos e narrativas sobre o cosmos, a natureza, a sociedade ou a vida cotidiana” (CLAVAL, 2007). A pesquisa identifica, por meio da percepção, compreendida com Tuan (1974) como “um estender-se para o mundo”, e da experiência, os elementos da cultura sertaneja goiana que constituem a identidade cultural da comunidade do Arraial da Barra, tornando suas casas singulares (TUAN, 1974, p. 14). Santos (2011) ajuda a elucidar a compreensão a respeito do conceito de identidade cultural, afirmando que:

Casarão de Santana, 2019,  
29,7x42cm, produção da  
pesquisa

Casarão da Barra, 2019,  
29,7x42cm, produção da  
pesquisa

Na realidade, as identidades culturais se fazem como uma espécie de processo dialético de fixação-mudança. No processo de identificação/diferenciação, muitos aparatos são transformados e outros são mantidos. Ela é assim: um processo de mudança permanente, em que dependendo da época e lugar pode haver uma maior, ou menor, evidenciação de um elemento sobre o outro. (SANTOS, 2011, p. 154)



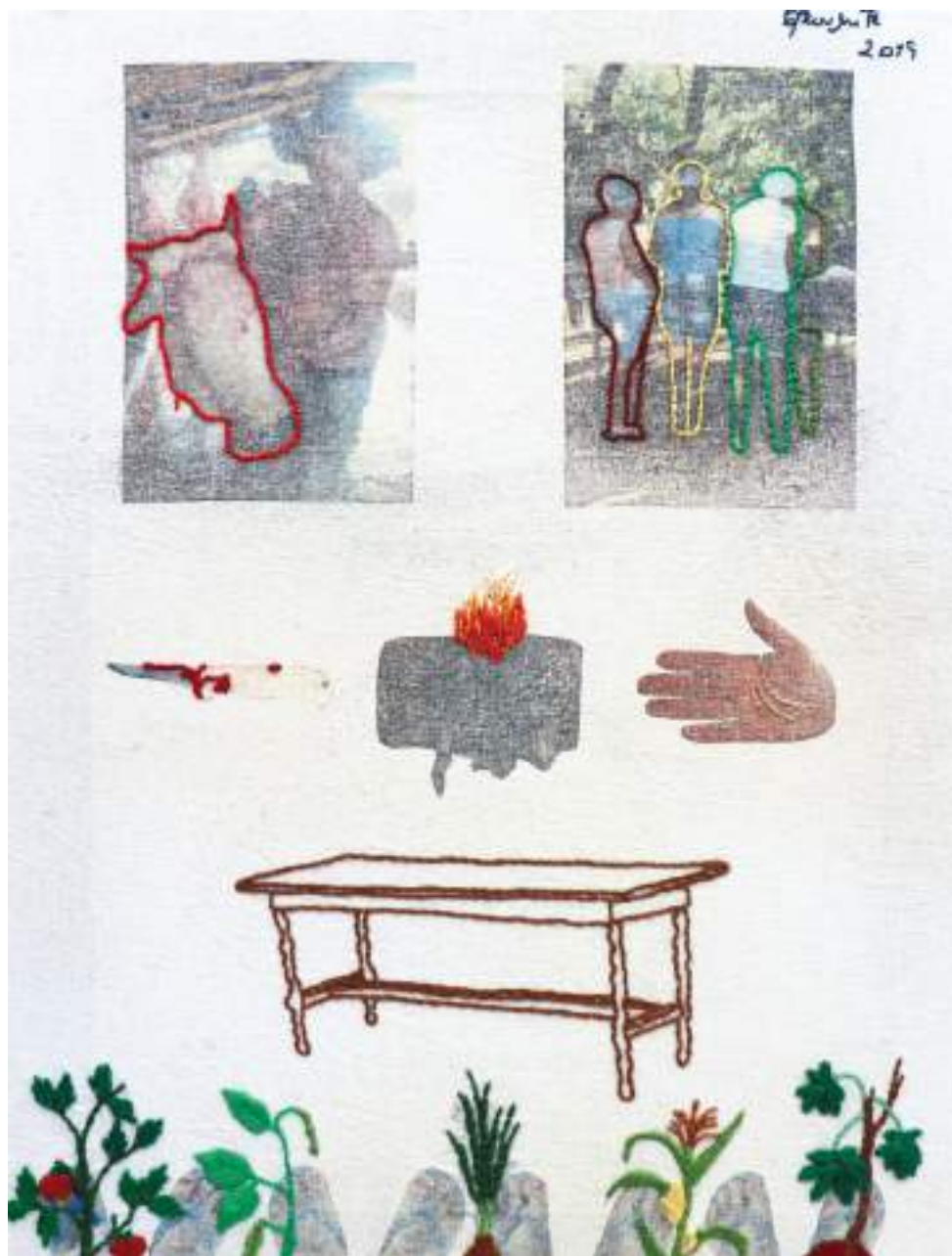
A identificação de elementos culturais presentes nas casas busca entender o espírito do lugar, as relações da memória afetiva dos moradores com suas moradias e o significado da casa sertaneja goiana através do tempo. A transmissão oral da memória e a manualidade caracterizam-se por traços culturais da comunidade do Arraial que estão presentes no dia a dia da cultura sertaneja goiana, seja no processo de construção da casa, no plantar, no comer, no ensinar, no aprender, no bordar. A partir da leitura desse traço cultural foram escolhidas a percepção e a experiência como ferramentas de leitura dos aspectos constituintes da cultura sertaneja goiana e técnicas manuais mistas, tal qual o bordado manual, como ferramenta de representação desses elementos.

Através de pesquisas, buscamos nas lembranças dos sujeitos o caminho para a compreensão da memória coletiva da comunidade, entendendo que escutar e dar visibilidade a essas narrativas é questionar a forma de se produzir ciência que, historicamente, é feita por um grupo hegemônico da sociedade constituído, quase exclusivamente, por homens brancos ocidentais da classe dominante que conduzem as perguntas e as respostas. (LOURO, 1997).

*Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. (HALBWACHS, 2013, p.51)*



Casa Sertaneja Goiana de Dona Francisca, 2019, 29,7x42cm, produção da pesquisa.



Casa Sertaneja Goiana de Dona Amélia e Seu Inocêncio, 2019, 29,7x42cm, produção da pesquisa.



Casa Sertaneja Goiana de Vaninha, 2020, 29,7x42cm, produção da pesquisa.

A manualidade do bordado auxilia no registro da memória coletiva dessa comunidade. A pedagoga e pesquisadora Cláudia Regina Ribeiro das Chagas (2007) afirma que “o registro da cultura vivida só pode ter sua história articulada se consultamos a memória dos praticantes, aos que sabem e lembram porque viveram para falar e os ouvimos, o que é feito com muita frequência nos cotidianos.” (CHAGAS, 2007, p. 47). Nesta perspectiva de abordar a leitura do espaço com pressupostos da abordagem cultural e da manualidade é que adotamos como objeto de estudo e como método de representação e registro da memória e da cultura dos habitantes do Arraial da Barra a bordadura poética. Complementando tal ponto de vista, a pesquisadora Juliana Padilha de Sousa (2019) em sua tese de mestrado afirma, a respeito dos saberes manuais, que:

*Os fazeres de agulha são práticas culturais, configuradas por símbolos, representações, valores, etc.*

*A cultura é um dos pontos de partida e o resultado da materialização têxtil.*

*Os trabalhos manuais transmitem tradições, são guardiões da memória, prestando-se a muitas interpretações e usos. (SOUSA, 2019, p. 68)*

Casa Sertaneja Goiana da Dita e Seu  
Militão, 2019, 29,7x42cm, produção  
da pesquisa.





A partir da compreensão da importância do estudo acerca da composição da cultura sertaneja goiana, seus processos de formação e seus significados atuais, buscamos evidenciar a relação com a casa, o caráter de resistência cultural diante das transformações sociais e a mudança na vida no espaço rural percebido pela manutenção da manualidade presente no dia a dia do Arraial da Barra, com pontos, nós, cores e símbolos próprios da cultura sertaneja goiana. Partindo destas questões, nosso objetivo central foi investigar a dinâmica cultural e socioespacial do habitar e da memória sertaneja goiana narrando a memória afetiva dos sujeitos do Arraial e suas casas rurais sertanejas através do bordado manual como forma de registro, valorizando as narrativas de seus sujeitos e os tirando da invisibilidade.

*Cada casa é singular, bem como quem a habita.*

*Detalhe Casarão de Santana,  
2019, 29,7x42cm, produção  
da pesquisa.*



6 <sup>†</sup>TERRAS DA SANTA

**Janelas  
da alma**

Larissa Miranda Martins

## CAPÍTULO 6

# A CASA SERTANEJA DO ARRAIAL DA BARRA COM VISTAS ÀS JANELAS DA ALMA

A importância da vivência rural no Arraial da Barra, em Goiás, merece uma reflexão, tomando como ponto de partida a relação construída entre o habitante que ocupa esses espaços, a imagem e a memória (HOLZER, 2000).

É necessário entender essa realidade com o olhar que ela exige e ter a habilidade de se debruçar e adentrar no espaço e na intimidade de cada habitante, a fim de conhecer o objeto casa e seu espaço construído e vivido (TUAN, 1974), para aguçar as sensações e estabelecer vínculos com as memórias de cada protagonista desta pesquisa.

Com relação às imagens e memórias aqui registradas, a fotografia, em especial, abriu o debate sobre o protagonismo das relações sociais dos habitantes, suas práticas cotidianas (CERTEAU, 2000), sua territorialidade (ALMEIDA, 2005), o lugar e o modo de vida (VEIGA, 2018).

As análises fotográficas auxiliaram na compreensão da realidade sociocultural e resiliente do habitante da casa sertaneja goiana, trazendo à luz as percepções e ações futuras. As observações permitiram tentar transmitir de forma cenográfica a memória afetiva do lugar.

Desde a revisão bibliográfica em conjunto com o grupo de leitura, foi possível inicialmente conhecer e analisar diversos autores que contribuíram na forma de pensar e analisar o espaço tanto rural quanto urbano na busca pela compreensão dessa transição. Em seguida, foi realizada a filtragem e seleção de fotografias já realizadas previamente, além do trabalho de campo, que possibilitando o acervo fotográfico final. Os materiais utilizados: a câmera Nikon D3100, celular Android e o tratamento de fotos por programa direcionado.

Um Catálogo de Pesquisa foi desenvolvido em parceria com a UFG/Câmpus Goiás/PROEC e o UFG/LABOTER/IESA. Como resultado, o documento registra de forma objetiva, artística e acessível do estudo. Todo esse processo permitiu reconhecer o valor da ancestralidade e cultura do arraial minerador do séc. XVIII goiano, por meio das fotografias produzidas e selecionadas.

Destacamos a importância da resistência dessa comunidade rural, desde seu estudo e registro fotográfico, de modo a captar a realidade de quem constrói a paisagem simbólica do Arraial da Barra, de forma crítico-analítica.



Parente da  
festeira Dona  
Antônia fazendo  
o almoço da  
Padroeira, 2019

Íntimas da economia,  
do arroz e do feijão  
da sua casa.  
Do tacho de cobre.  
Da panela de barro.  
Da acha de lenha.  
Da cinza da fornalha.  
Que encestavam o velho barreleiro  
e faziam sabão.

Minhas mãos doceiras...  
Jamais ociosas.  
Fecundas. Imensas e ocupadas.  
Mãos laboriosas.  
Abertas sempre para dar,  
ajudar, unir e abençoar.

Mãos de semeador...  
Afeitas à sementeira do trabalho.  
Minhas mãos raízes  
Procurando a terra.  
Semeando sempre.  
Jamais para elas  
os júbilos da colheita.

**ESTAS MÃOS - CORA CORALINA**



O almoço  
sertanejo dos  
festeiros pra  
Padroeira

## O protagonismo feminino

Não há dúvidas de que a mulher sertaneja é o símbolo vivo da força, resistência e acolhimento. Atributos dados a elas, mas que nem sempre foram enxergados como características dignas de reconhecimento e prestígio, considerando que o preconceito com as atividades cotidianas domésticas se fez muito forte ao longo do tempo.

Um espaço que social e culturalmente lhes fora imposto hoje faz delas um símbolo de ressignificação e poder. Essas são as mulheres sertanejas do Arraial da Barra - GO, distrito que abriga as casas e famílias do sertão goiano. Elas além de trazerem simplicidade no dia a dia também revelam o quanto as mulheres se fazem presentes na maior parte dos espaços sociais, que vão muito além da cozinha, ultrapassando as barreiras da habitação e se tornando peças fundamentais na criação da paisagem diária da Barra através de muita criatividade e disposição para o acolhimento de toda comunidade e seus quintais.



O sorriso de Ângela, Ângela, filha de seu Inocêncio junto ao fogão à lenha

# SERTÃO EM



Pastoral da Saúde nos quintais das Mulheres Aroeira – grupo Maria Luiza Buenolândia, GO, comunidade São João do Monte Alegre, casa da Aroeira Dita (2018). Da esquerda para direita Aroeiras Izani, Janaina, Maria Luiza, Rosiane, Neuzi (fundo), Cida, vó Zefa, Rosilda, Dita, Jersirene, Calixta e Maria (frente).

Meu pai que te plantou na terra dura lá da mata  
Tu foste acozinheira do teu rancho pequenino  
Só o vento frio da noite e o cantar dos curiangos  
Ficava acompanhando a solidão de teu destino

Esteio de aroeira, também tenho a tua idade  
Meu pai te construiu para que fosses meu abrigo  
O tempo foi passando e só depois de muitos anos  
Pela primeira vez te encontrei esteio amigo

Meu pai que também era o esteio firma da família  
Há "muitos ano" atrás longe daqui tombou sem vida  
Só tu me esperou esteio "véio" de aroeira  
Para me conhecer e ouvir a minha despedida

Esteio de aroeira, quantas vezes esperança  
Ficaram sepultadas no teu tronco no passado  
Ainda tu conservas o sinal de uma lembrança  
Marcada no teu tronco pelo corte do machado

Nós que nascemo junto esteio véio de aroeira  
Será quem vai primeiro ser tombado pela sorte  
Se és tu lá na floresta derrubado pelo tempo  
Ou eu por este mundo derrubado pela morte.

**ESTEIO DE AROEIRA - ZÉ FORTUNA  
E PITANGUEIRA**

# FOCO

## A vertente masculina

A figura do homem no sertão está muito ligada ao trabalho braçal, principalmente àquilo que vai parar na mesa de jantar. A responsabilidade da caça, do corte, da limpeza do animal, em um ritual que traz a sensação de segurança e fortalece os laços familiares, já que o alimento que chega à mesa da família sertaneja não segue o mesmo caminho que na cidade grande.

No campo, a comida é cultivada com o tempo, a paciência é o ponto certo do alimento, plantar, criar, colher, cuidar é sinônimo da manutenção do bem estar dessa comunidade, e o homem participa ativamente de todo esse processo, garantindo o bem-estar da comunidade.

Não só no que se refere diretamente à comida, mas de forma indireta, o masculino também se faz presente em outras atividades, como o artesanato. A prática não é só realizada pelas mulheres, também é valorizada quando os homens se envolvem, como na construção de fogões à lenha, conhecidos como trempes, que são essenciais para dar aquele toque especial aos sabores típicos do sertão goiano.

Sr. Divino e a cabeça de  
boi: o pai e a matança pro  
casamento de Taynara





O corte da guariroba pelo pai da noiva Joelma



A confecção da trempe do casamento de Taynara

No campo, a comida  
é cultivada com o  
tempo, a paciência  
é o ponto certo do  
alimento (...)



Matança para a festa do casamento de Taynara

O violeiro na Roda  
de Viola da Festa do  
Divino

## A festividade sertaneja

Nos recortados de Honório Dias da Silva, é assim que segue a vivência festiva no Arraial da Barra. Fazendo da música o afago, o afeto, o momento da reunião, da coletividade, a razão do banquete iniciado às seis da manhã, a produção da enfeitaria na casa da anfitriã.

A festa no sertão é mais um símbolo da rotina sertanista, como há de não ter festa para o casamento de Joelma? Como há de não ter festa para a padroeira de Arraial? Mais do que um evento, suas festanças também marcam o tempo, marcam a história daquele ano, daquela época, legítima a cultura que sua comunidade expressa. Nessa alegria, não são só os violeiros que fazem a diferença, mas também cada grupo temático são peças fundamentais da engrenagem responsável pelo resultado do festejo. A comissão da cavalgada se junta, arreja os cavalos e sai em desfile, e claro, não pode faltar a comissão do bingo, que é um entretenimento típico e oficial do povo do Arraial. Enquanto isso, o sapatear dos casais no fervoroso forró sertanejo é presença obrigatória, prolongando a boa gandaia até o raiar do dia. Essas e outras práticas seguem fazendo da folia sertaneja a memória de sua comunidade.



## A ritualidade sertaneja

Qualquer coletividade ou o que chamamos de comunidade, possui a sua própria forma de funcionamento, sua cultura, rotina ou até mesmo seus costumes, cada uma à sua maneira de vivenciar o espaço e suas descobertas. Para os sertanejos, não é diferente, o Arraial da Barra proporciona vários modos de experiência com o espaço, das mais simples e pacatas até as mais agitadas e múltiplas formas de saberes. Um desses costumes é lavar as panelas nas águas do Rio Vermelho, um ritual que simboliza a gratidão pelas bênçãos do Divino e da Padroeira, essa prática se dá ao aproveitar a água oferecida pelo leito, sendo um exercício inegável de seus devotos.

Nessa mesma lógica, outro hábito se faz pelo aproveitamento do que a própria natureza oferece, através dos acampamentos, também um aprendizado tradicional, em que as famílias se juntam ao ar livre e por ali fazem suas temporadas de descanso. Sem dúvida, esses outros costumes servem de inspiração quando se procura entender de que forma a paisagem sertaneja impacta seus moradores e é usufruída por eles de forma legítima culturalmente.



As lavadeiras devotas do Divino e da padroeira no Rio Vermelho

Acampamento na prainha do rio Vermelho beirando a ponte do Apertado

Os jovens e a confraternização sertaneja





As devotas  
carregam  
o andor na  
procissão da  
Padroeira

## Homenagem à tradição

Quando falamos de festa no Arraial, é com muito respeito e seriedade. Lá, tudo o que é organizado e planejado vai além de uma simples comemoração, é sobre o que realmente importa para as pessoas, sobre a tradição e a resistência da comunidade. Celebrar a religião e trazê-la como um evento, por exemplo, é uma forma de honrar os antepassados que lutaram com fé e determinação para manter viva a cultura de seu povo. É uma maneira de chamar a comunidade para a partilha da felicidade, da comida, do laço íntimo, construído aos gestos.

Uma vida simples, rodeada de pessoas, requer momentos de inovações periódicas, costume pouco praticado pela rotina monótona da cidade grande. O sertão exige muita criatividade e disposição, essas bem exploradas pelos sertanejos goianos. Eles se dedicam de corpo e alma ao projeto. Seja para preparar uma festa ou para o simples ato de matar a galinha para o almoço, eles fazem disso um convite ao encontro, ao diálogo, desde o preparo até o tempero. Esses momentos no Arraial revelam, de forma delicada, a essência da festividade sertaneja.



O Pipa e a Folia de Santo Reis

O bingo  
no bar da  
Vaninha  
(2018)



O forró da  
Barra no  
Ranchão  
(2018)



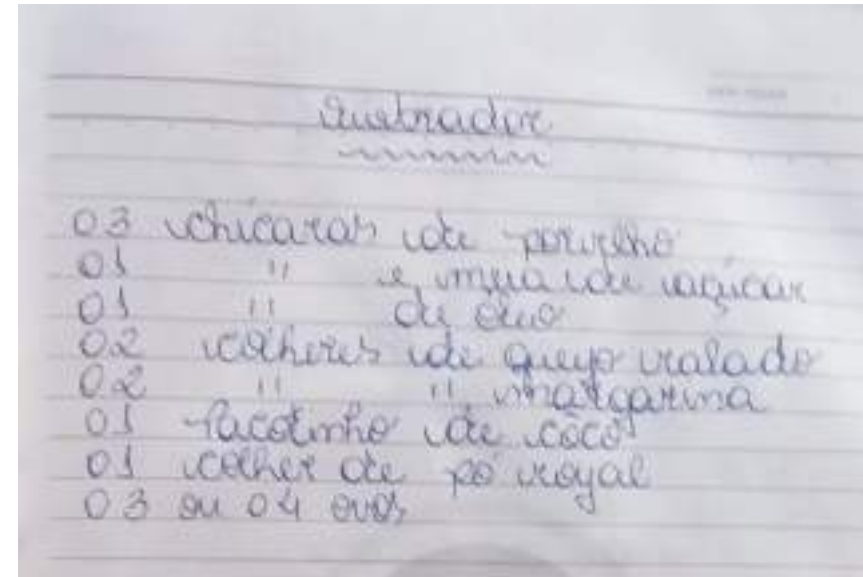
A parada dos  
devotos na  
cavalgada da  
Padroeira  
(2019)



## Saberes e sabores

Dona Cid, como tantas outras mulheres do Arraial da Barra, transformou seu talento culinário em uma marca registrada. Especialista no biscoito doce, o famoso 'quebrador', que é o clássico do lanche da tarde acompanhado do café quente, remete de forma singela o conforto e o acolhimento daqueles que usufruem de sua companhia.

A comida sertaneja também é considerada um símbolo de resistência. Tradicionalmente feita pelas mulheres, essa prática é quase como um acervo vivo, onde se guarda tudo o que elas aprenderam ao longo da vida. É um ritual feito de mulher para mulher, com ensinamentos e habilidades que passam de geração em geração, resistindo ao tempo e preparando o caminho para as próximas que virão. Tendo em vista que o sabor é a sua maior assinatura, Dona Cid contribui muito para a formação da identidade da gastronomia do sertão goiano e potencializa a ideia de que a mulher sertaneja também é múltipla e especial.



As quitandas  
de dona Cid  
(2018)

# BORRÊS

“Ah! o arroz com guariroba, o arroz maria-isabel! O arroz-de-moça-pobre, o delícia, o casadinhos, o arroz feito com suã, o fulvo arroz com pequi! E o feijão frito e o pagão, feijão-caipira ou tropeiro, tutu de arroz e feijão? E a almôndega batida, o angu-de-milho-e-quiabo? e o refogado-de-milho, a cambuquira, o quibebe, o molho-pardo, a paçoca, o escaldado-de-farinha-de-milho, a galinhada, a frigideira-de-um-bigo-de-bananeira, o cará, a tigelada-de-queijo, de mamão verde e chuchu, e o maxixe, o mangarito, as empadas-de-domingo, carne-de-porco-na-lata, pamonha de todo jeito? Tudo isso e mais a fome da cidade e do sertão, tudo isso e mais o gosto da pimenta e do limão, tudo isso, minha gente, vai perdendo a tradição, vai ficando na saudade, na forma de algum refrão, de algum discurso eficaz que possa matar a fome comendo apenas o nome das comidas de Goiás.”

MANIFESTO DA COZINHA GOIANA - WALDOMIRO BARIANI

A partilha da mesa rural das Mulheres Aroeira do grupo Maria Luiza da Pastoral da Saúde (2018)



O biscoito quebrador (2018)

O “decomê” sertanejo (2019)





Casa de  
tirar o  
choco da  
galinha  
do quintal  
da Dona  
Francisca  
(2018)



Bacia com  
fundo de  
madeira pra  
amassar  
o biscoito  
quebrador  
da Dona  
Francisca  
(2019)



O cabide de  
cuité de Dona  
Feliciano  
para apoiar o  
arreio suado  
da montaria  
(2018)

## Apetrechos e artefatos

Viva o nosso rio vermelho,  
Que é o amparo da pobreza,  
Tão comprando e tão vendendo  
Vive na maior riqueza.  
Quem tem roça vive bem  
Que não vive mió,  
Pesca de bomba e tarrafa  
Oi aí...  
Também pesca de anzol.  
Em vista do rio vermelho rio claro é só barulho,  
Dá ouro e dá diamante  
Escafandro sem mergulho,  
Falar ninguém acredita  
Também não pode provar,  
Acharam uma pedra de diamante  
Oi aí...  
Que não puderam trocar.  
A tristeza do garimpo  
É quando chega o verão,  
Garimpeiro fica triste sem achar colocação,  
Quem tem roça ninguém vinde  
Ninguém dá agregação,  
Eles passa a vida inteira oi aí com a  
traia no monchao.

TRECHO DO RECORTADO  
"RIO VERMELHO"  
- HONÓRIO DIAS DA SILVA



Ângela e as panelas de  
alumínio batido (2019)



## A casa

“A casa é simples, o barro virou reboco, a madeira que dá sustento. Num alento de poesia, na magia plena de quem vê o dia, faz tempo... E tempo machuca, cura, cicatriza, faz lembrar, esquecer, recordar. Tempo pode ser remédio, pode ser arma, pode buscar, poder levar. A casa é simples, mas tem tanta história pra contar, que por si só, é poesia. E mais dia menos dia, com rima ou sem rima, transparece, é plena, irradia. Alegria no sertão é ter água pra beber, uma horta pra colher, e no mais, o sertanejo vai vivendo. Escrevendo em linhas próprias, histórias tortas, tão sem pressa, que vão correndo... Tudo passa, se transforma, e a casa... Bom, a casa, continua simples.”

MATHEUS BOA SORTE



*A paisagem simbólica  
revela a essência da  
rotina daqueles que  
a constrói.*

Almeida (2005)

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Mulheres Rurais – A descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos Quintais. Revista GeoNordeste. São Cristóvão, ano XXVII, n. 2, 2016, p.138-161.

ALMEIDA, Maria Geralda. Fronteiras, territórios e territorialidades. Revista da ANPEGE, Fortaleza, ano 2, n. 2, p. 103-114, 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda de; VARGAS, Maria Augusta Mundin; MENDES, Geisa Flores. Territórios, paisagens e representações: um diálogo em construção. Revista Mercator, Fortaleza, v.10, n.22, p.23-25, mai/ago. 2001.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOLEÃO, Jossier. Moradia camponesa: Lugar de Memórias e Resistências. Especialização em Direitos Sociais do Campo/ UFG, Cidade de Goiás. Artigo, 2015.

BORGES, Júlio César Pereira. Do sertão ao cerrado: trajetórias do território e do sertanejo goiano Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 11, n. 2, ago./2017, p. 156-169. Acessado em 15/01/2018, acessível em <https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/viewFile/50088/24607>

BRANDÃO, C. R.; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. Revista de Educação Popular, v. 6, n. 1, 25 set. 2008.

CASTRO, A. B. De. Espaço e Memória: um resgate das raízes no Arraial da Barra. Universidade estadual de Goiás, monografia curso de licenciatura em Geografia, cidade de Goiás, 2012.

CERTEAU, M. GIARD, L., MAYOL, P. A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar. Tradução de Ephaim F. Alves e Lúcia E. Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, 372p.

CERTEAU, M.de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, C.R.R.das. Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos. 2007. 104 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. 3ª ed., Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

COLLIGNON, B. De las virtudes de los espacios domésticos para la geografía humana. In: LINDÓN, A.; HIERNAUX, D. (Orgs). Los Giros de la Geografía Humana: Desafíos y horizontes. México: Anthropos, 2010, p.201-240.

COSTA, Í. B. da. Tipos de Habitação Rural No Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. 72 p.: Il. Mapas. IPHAN-SP, Germano (Herman Hugo Graeser), 1955, Archivo fotográfico de la 9ª SR. MONBEIG Pierre, Ensaio de geografia humana brasileira, São Paulo: Livraria Martins, 1940.

DARDEL, Éric. O homem e a terra: natureza da realidade geo-

gráfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. ESTEVAN, Luís. No Cerrado das Tropas e Boiadas in: Universo do Cerrado/ Coordenador Horieste Gomes – Goiânia: Ed. Da UCG, 2008. 2v: il.

GOMES, Horieste (Org.). Universo do Cerrado. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

GUATTARRI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica, cartografias do desejo. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996, 328p.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. 1954. Disponível em:

[www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,habitar,pensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,habitar,pensar.pdf). Bauen, Wohnen, Denken. 1951 conferência pronunciada por ocasião da Segunda Reunião de Darmstadt, publicada em Vortäge und Aufsätze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

HOLZER, Werther. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. Revista GEOgraphia, Ano II, n.3, 2000.

IBGE, Manual da Base Territorial. Ministério do Planejamento, Ordenamento e Gestão, 2. ed, Rio de Janeiro, 2014, 157p.

LEAL, Fabiana Machado. Geografia: Ciência Corográfica e Ciência Corológica, USP. Acessível em: <https://enhpqii.files.wordpress.com/2009/10/fabiana-machadoleal1.pdf>, acessado em 12 set 2020

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LUZ, Giovana Emos. Goyaz, Entre A Forma E A Função Urbana: Um Estudo Sobre A Imagem Da Cidade No Século XIX (1845-1880), UFG, Goiânia, 2012.

MAGALHÃES, Agenor Couto de. Encantos do Oeste, São Paulo, 23/07/1945, Imprensa Nacional RJ.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. O Rural na Geografia Humanista. IV Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. 24 a 27 de Outubro de 2013. Niterói, Rio de Janeiro: 2013.

MARX, Murilo. Cidade brasileira – São Paulo: Melhoramentos: ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

MOREIRA, Roberto José; GAVIRIA, Margarita Rosa. Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na Comunidade de Taquari. In: Estudos Sociedade e agricultura., abril 2002, p.47-721.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezoito/roberto18.htm>. Acesso em: 11 jul. 2008.

MOTTA, François. Espaço vivido, espaço pensado: o lugar e o caminho. Dissertação de mestrado, Geografia UFRGS, Porto Alegre, 161 pgs, 2003.

SAIA, L. MORADA PAULISTA. São Paulo, Perspectiva, 1978.

SALA, T. BRASIL: SÃO PAULO, Santana de Parnaíba, 2007. Acessível em: <http://www.casasbandeiristas.com.br/regiao/brasil/acessadoem24/02/2020>

SANTOS, L. dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. Revista Rascunhos Culturais. Coxim/MS. Volume 2, nº 4, p. 141-157. jul-dez 2011

SAWAIA, Bader B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. Revista São Paulo em Perspectiva, v.9, n. 2, abr/jun., 1995, p.20-24.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira da. Desenho como questionamento: distintas dimensões de planos e projetos urbanos. Rio de Janeiro: FAUFRJ, São Paulo: PUC-Campinas, 2019.

SILVA, L. H. A. O Habitar e a Memória em Terras da Santa: Ancestralidade no Arraial da Barra, na Cidade de Goiás/GO, jul/2019, Qualificação/Goiania UFG/IESA,

SILVA, L. H. A. Em Terras da Santa: Caderno de Viagem ao Arraial da Barra, SEMITEC/Colômbia, nov/2019

SOUSA, Juliana Padilha de. Tramas Invisíveis: Bordado e a Memória do Feminino no Processo Criativo. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

TAUNAY, Afonso de E. Relatos Sertanistas. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953. Exemplar nº 308. Biblioteca Histórica Paulista VII.

TRINDADE, J. B., Luís Saia, arquiteto (1911-1975): a descoberta, estudo e restauro das "moradas paulistas" Revista Risco. 2013-2014

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. New Jersey, 1974

VALLEJO, César. Obra poética completa. 3ed. Casa de las Américas: 1975.

VEIGA, Felipe Berocan. Profetamento dos bichos: visões e reminiscências de viagens em busca do sertão de Goiás. O público e o privado – Nº 7 - Janeiro/Junho.- 2006. Acessado em: 23/01/2018.